

10²

VIDA E MARTYRIO

DE

S. TORQUATO

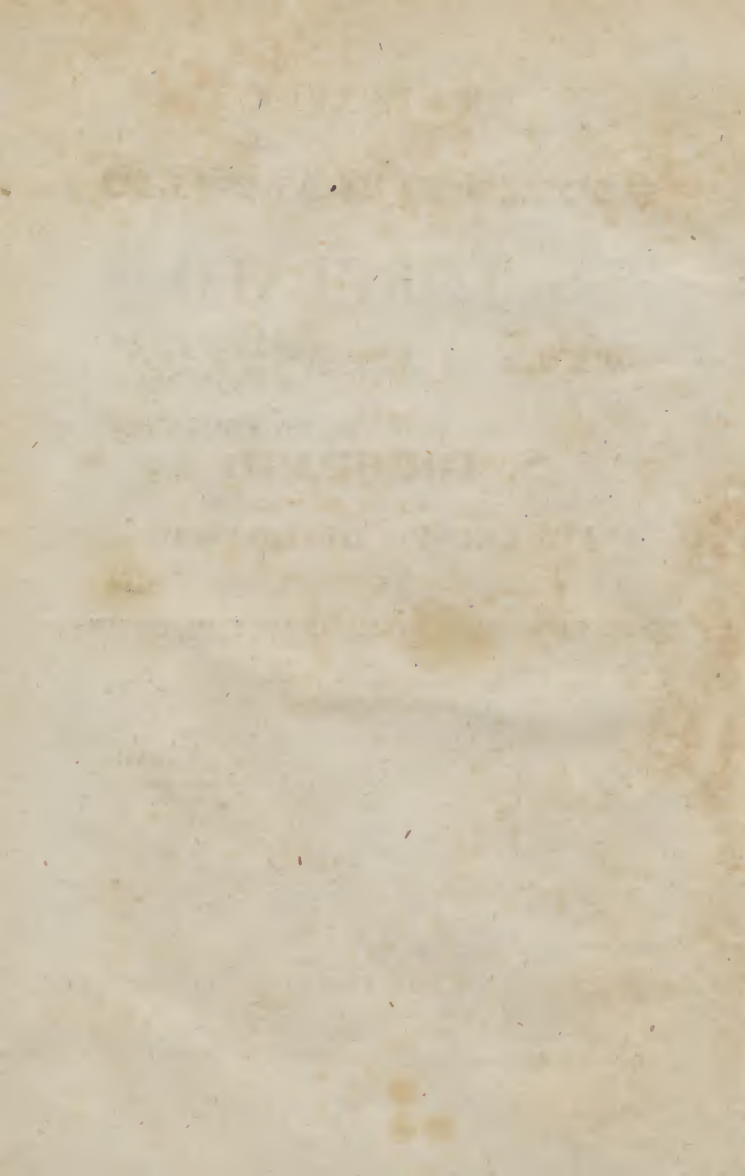
ARCEBISPO DE BRAGA

E

BISPO DO PORTO, DO PADRÃO, E DE DUME

CUJO CORPO SE VENERA INCORRUPTO NA FREQUEZIA DO SEU NOME,
NOS SUBURBIOS DE GUIMARÃES.

*É curioso. Pertence á livraria do
Dr. João Pereira Gomez Neza, natural
de Barcellos, Parvelo em S. Martinho
das Carvalhas.*



VIDA PRECIOSA
E
GLORIOSO MARTYRIO
DE
S. TORQUATO

ARCEBISPO DE BRAGA

EXTRAHIDA DOS MELHORES AUCTORES
TANTO SAGRADOS, COMO PROFANOS

OFFERECIDA

AO SEU BENEMERITO SUCCESSOR

O EMINENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

D. PEDRO PAULO DE FIGUEIREDO DA CUNHA E MELLO

CARDEAL PRESBYTERO DA SANTA IGREJA ROMANA, ARCEBISPO
DE BRAGA, PRIMAZ DAS HESPAÑHAS, DO CONSELHO
DE S. M., PAR E GRANDE DO REINO

POR SEU AUCTOR

DOMINGOS DA SOLEDADE SILLOS

INGRESSO DE S. FRANCISCO DA PROVINCIA DA SOLEDADE, AONDE FOI LEITOR
DE PHILOSOPHIA E DA SAGRADA THEOLOGIA, PREGADOR REGIO, .
CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO, E PRIOR DA IGREJA
MATRIZ DES. JOÃO BAPTISTA, DA VILLA DO CONDE.

LISBOA—1835
NA IMPRENSA NACIONAL.

Com permissão de S. Em. o Sr. Cardeal Arcebispo Primaz.

EMINENTISSIMO SENHOR.

A VOSSA EMINENCIA, como Benigno Pac, offerece o mais indigno filhó este pequeno fructo de suas vigalias: antevejo que o não rejeitará, porque vou patentear ao público as virtudes de um Santo Martyr da Igreja, que regou a mesma Cadeira em que VOSSA EMINENCIA tão dignamente preside.

VOSSA EMINENCIA, que de tão boim grado annuiu aos desejos da commissão central, quando lhe deprecou para ir fazer em Pessoa a solemne e pomposa Trasladação daquelle santo corpo, que incorrupto se venera... VOSSA EMINENCIA, que escutou, naquelle dia, o meu discurso, como o primeiro dos fieis, e que descul-

poi os meus erros, como o maior dos sabios...
VOSSA EMINENCIA, que deu um público testemu-
nho de amor e de respeito para com o seu
Glorioso Predecessor, quando, abraçado com
elle, imprimiu seus labios naquellas mãos, a
quem respeitam 1131 annos... VOSSA EMINENCIA,
que tão espontaneamente concorreu, *esmólando*,
para as despezas de tão solemne festividade...
VOSSA EMINENCIA, finalmente, que foi ocular teste-
munha dessa concorrência innumeravel e nunca
vista no escarpado d'um monte... a VOSSA EMI-
NENCIA compete benigno acolher esta publicação
d a *Vida e Martyrio de S. Torquato*, para satis-
fazer aos desejos daquelles fieis, que presenciaram

o paternal amor do seu exímio Pastor, e de outros muitos, a quem se malograram os desejos: a estes publico (como appendix) o auto da pomposa e solemne trasladação; e a todos um verdadeiro triumpho da Religião.

SENHOR! quanto mais pequeno é o reptil, tanto mais para com elle o Leão se mostra generoso. Os Mecenas não desprezam as pequenas producções; ao contrario, tanto mais se honram, quão benignos as protegem. Amparar os fracos e abatidos é dom das almas generosas... tudo isto superabunda em VOSSA EMINENCIA: falle por mim a Universidade de Coimbra, aonde o nome de VOSSA EMINENCIA, ainda hoje,

é synonymo de *boindoso*; e as almas nobres não se deshabituaam facilmente. Por isso, se benigno acolher tão limitada offerta, essa generosidade será o rubim mais fulgurante com que ornará a Mitra Preciosa da Diocese Bracharensê.

SENHOR! a Cadeira Primacial, que VOSSA EMINENCIA occupa, tem a virtude de fazer dos homens santos. O redil bracharensê está na posse de ser pastoreado por sabios e virtuosos Prelados. VOSSA EMINENCIA, além de outros, succede a vinte e tres Arcebispos, que gozam a honra de Santos, e segue o mesmo encalço; e por isso ousada deponho aos pés de VOSSA EMINENCIA este

limitado fructo de meu trabalho, bem certo de que terá um benigno acolhimento.

Implora a permissão de beijar a Purpura de VOSSA EMINENCIA quem é com o mais profundo respeito e alta consideração

DE VOSSA EMINENCIA

Humilde subdito e muito obediente servo

O Auctor.

ANTELOQUIO AO LEITOR.

Quando tomei sobre meus hombros a publicação da *Vida e Martyrio de S. Torquato*, julguei ser uma empreza de pouco trabalho; porém, quando entrei no emmarañado bosque das opiniões, confesso que me arrependi. Todavia, algum devia ser o primeiro que lançasse a mão ao arado, e lavrasse uma terra, que tantos fructos promettia.

Colhi á mão os melhores auctores; li-os com attenção; consultei os melhores litteratos e amadores de antiguidades (em que muito abunda esta villa de Guimarães); dirigi-me aos archivistas das Cathedraes do Porto e Braga, aonde poderia existir algum escripto de seus actos, como Prelado que foi daquellas Dioceses; e por ultimo o mesmo embaraço, e mais no labyrintho me entranhei: queria delle saír, porém difficuldades tinha a vencer: desanimei, e lancei-me nos braços do descoroçoamento.

A rasão, esse facho com que o Eterno illumina o entendimento do homem, só de per si patenteava um mon-

tão de paradoxos ao lér Gaspar Estação e Fr. Bernardo de Brito; mas, comparadas com a egide da tradição, dos monumentos, e de outros muitos auctores, succumbiam plenamente as provas daquelles. Mas quem era eu, ignoto pygmeu, para arrostar com os athletas mais potentes da historia e litteratura?... a consciencia, este grito interno, a mim proprio me reprehendia: cedi a seus avisos, e resolvi *in totum* deixar a empreza, e esperar que a Providencia suscitasse um novo Cyro, que fizesse reedificar este templo de todo arruinado.

Apesar desta minha resolução, como philosopho que-ria indagar a verdade; e então não perdia occasião oportuna, ou momento de a prescrutar. Um curioso ¹, sabedor da minha tarefa, ministrou-me um opusculo feito pelo Ex.^{mo} Sr. D. Fr. Francisco de S. Damaso Abreu Vieira, Bispo de Malaca, e Arcebispo Primaz da Bahia de Todos os Santos, natural que foi desta villa de Guimarães, e conhecido, na sua religião franciscana, pelo nome do Dr. Fr. Francisco de S. Damaso Guimarães. Este eximio litterato prestou á historia, á Religião, e á Diocese bracharense, um serviço relevantissimo. A verdade fulgura naquelle livro, de ouro, a duvida desaparece, a evidencia triumphá; e o nosso S. Torquato é certissimamente reconhecido o *Arcebispo bracharense do seculo oitavo*.

Bem queria eu que visse a luz pública aquella obra, para consolação dos fies, desengano dos criticos, e alegria dos sabios, pois que o venerando e sabio Prelado a nada se poupou. Não satisfeito em profundar os factos historicos, examinar os focaes, e dar-se a um estudo profundo sobre a materia, em pessoa percorreu muitas freguezias, para investigar a tradição, como uma das fontes da verdade, e coordenou a sua obra, não como uma simples dissertação, mas sim com todas as regras da logica,

¹ O Ill.^{mo} Sr. Joaquim Silvestre de Sousa, Escrivão de Direito nesta villa de Guimarães.

estabelecendo proposições. pró e contra, provas, argumentos e refutações.

Com este auxilio reanimou-se a minha fraqueza. Coadunciei as minhas notas, corroboréi-as com as provas do Ex.^{mo} S. Damaso d'Abreu Vieira, e não duvido publicar a Vida e Martyrio do nosso Santo, ainda contra o pensar dos auctores acima annunciados, por isso que *a verdade não está nas pessoas, mas sim nos factos.*

Gaspar Estaço e Fr. Bernardo de Brito foram a Scylla e a Charybdes, onde todos os auctores têm naufragado, e, felizmente, ambos elles discordam entre si. Diz Brito, que S. Torquato fôra Bispo de Citania, e martyrisado pelos povos de Vieira etc. etc.; diz Estaço, que o mesmo Santo foi Bispo de Guadix, e morto naquella cidade pelo gentilismo etc. etc.; e ambos asseveram, *que fôra o discipulo de Santiago.* A Estaço segue a *Chorographia* de Carvalho, que o cita a miúdo; a Brito segue Faria e Sousa, na sua *Europa Portugueza*; e a ambos, muitos outros auctores.

Responderei a Brito, e logo a Estaço. Na *Monarchia Lusitana*, part. 2.^a, liv. 5.^o, diz Fr. Bernardo de Brito, que a cidade da Citania existe no alto de um monte, junto ao rio Ave; e José Diogo Mascarenhas, *Dissertação offerecida á Academia Real das Sciencias.* diz, que a cidade de Citania era em Vizella, aonde existem hoje as Caldas, freguezia de S. Miguel. Fr. Bernardo de Brito quer que S. Torquato fosse Bispo da tal Citania, e della natural, etc.

Examinado o local no cimo do monte de S. Salvador do Briteiros, apparecem as ruínas de uma circumvallação, que indicam, quando muito, um *castrum* do tempo dos romanos, nunca, porém, uma cidade, como quer Fr. Bernardo de Brito; nem com elle se conforma Argote, nem o mesmo Estaço e outros.

Mas, quando fosse cidade, e tivesse por Bispo a S. Torquato, diz Brito que padeceu o martyrio no segundo ou terceiro anno de Nero: era impossivel provar e ta asserção.

A perseguição, em Portugal, principiou no anno de 45, pelo regulo que matou a S. Pedro de Rates; o presidente Marco Silvio Othon Questorio governou esta provincia 10 annos, e com summa paz: logo é apocrypho o que diz Fr. Bernardo de Brito.

Depois da morte de S. Pedro de Rates disfructou esta provincia uma paz constante até á perseguição de Domiciano, que foi no fim do primeiro seculo; e ainda que D. Thomaz da Encarnação, na sua *Historia Ecclesiastica Lusitana*, faça menção das perseguições de Nero, elle distingue as da Hespanha e as de Portugal. Ainda mais: quando reconta os martyres do primeiro seculo, refere expressamente os que foram perseguidos na Lusitania.

Diz Brito, que, divididos os discipulos de Santiago para diversas cidades, S. Torquato veiu para a Citania, d'onde era natural; pretendendo refutar esses que o fazem Bispo de Guadix, no reino de Granada, enganados pelo nome de Acci, que teve outr'ora aquella cidade, a quem a lenda do Santo chama Bispo Accitano; dizendo, que elles não advertem ser derivado de Citania, e não de Acci.

Enganado, no meu entender, está Brito; porque o mesmo Vasco, em quem elle tanto se apóia, remove esta duvida. Diz elle, fallando daquelle Santo:—*Sanctus Torquatus Episcopus Accitanus, vulgò Guadix, in regno Granatensi*. Donde se vê que o adjectivo *Accitanus* não é derivado de *Citania*, como quer Brito, mas sim de *Acci*. Se fosse derivado de *Citania*, chamar-se-ia *Episcopus Citaniensis*, bem como de Egitania se chama *Egitaniensis*. Por tanto, caduea fundamentalmente este argumento de Fr. Bernardo de Brito.

Demais: os historiadores, fazendo menção das cidades episcopaes, e dos bispos seus successores, nenhum falla em Citania como cidade episcopal, salvo se Brito nos provar que S. Torquato foi o primeiro e o ultimo Bispo. Nos Concilios de Braga, presididos por Pancraccio, Lureccio, e Martinho, em nenhum subscreveu o Bispo de

Citania, nem por si, nem por seu procurador (o que já naquelle tempo se praticava). Por tanto, a *Cidade Episcopal de Citania* é força de imaginação em Fr. Bernardo de Brito.

O factó da oliveira é recontado da maneira seguinte:

Diz Brito, que junto a S. Torquato de Guimarães estava uma oliveira plantada pelo mesmo Santo, que, na vespera da sua festa, dava sazonado fructo, de que se fazia azeite para a sua alampada, e com elle se curavam muitos enfermos. E dizem até que veiu d'ali plantar-se a oliveira na praça do mesmo nome em Guimarães!!!...

É expresso no Breviario de Hespanha, em Flavio Dextro, no Papa Celestino II, Ferrer, Addo, Pedro Bispo, e outros, que este prodigio da oliveira acontecêra em Guadix; e tanto, que, n'um livro gothico, que hoje se conserva no Collegio de Santo Ildesonso d'Alcalá, refere seu auctor *ser elle ocular testemunha desta maravilha*. Logo, em materia de critica, a opinião de um auctor não suplantaria a de muitos.

Resta fallar sobre o martyrio.

Diz Brito, que o Santo fôra morto, ás pedradas, pelos povos de Vieira, depois de o prenderem com sogas e tamoeiros; e que, em desaggravo deste delicto, os povos de Vieira vinham todos os annos, em um certo dia da quaresma, com sogas e tamoeiros ao pescoço, e faziam romaria ao Santo, etc.

Este factó foi examinado com todas as regras da critica pelo Ex.^{mo} S. Damaso de Abreu Vieira, em 1797, e nenhum vestigio encontrou, que favoreça a Brito. O Padre Torquato Peixoto de Azevedo, na sua *Antiga Guimarães*, diz, que este voto foi tirado pelo Sr. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, andando em visita. Este Arcebispo renunciou o Arcebispado por Bulla de 20 de Fevereiro de 1582. Confesso que não era possivel encontrar gente desse tempo, mas era forçoso existir ainda a tradição, etc.; pois nem em S. Torquato, nem mesmo em Vieira, se lembravam de ouvir fallar em semelhante caso:

logo é apocrypha, e nenhuma auctoridade lle devemos dar; tem o mesmo criterio que os outros factos, os quaes irei rebatendo, quando tratar da vida do nosso Santo.

Antes de responder a Gaspar Estaço, farei menção da nota que tomei quando o li com muita attenção: por ella se conhece que, já então, a dúvida o predominava.

A paginas 167 diz elle, como ultimato de suas fadigas, aquelle texto de Thomaz de Kempis: *In caelo omnes magni sunt, et erunt*: applicando o mesmo Estaço este texto, diz: *A qualquer destes Santos, que nos derem, nós aceitaremos sem contenda de maior, nem de menor, porque todos são grandes*. E em outro lugar diz o mesmo Estaço: *Ponha agora quem deve a mão, e desenterre este Thesouro escondido no Agro*. D'aqui se conclue, que o amor da gloria, ou algum outro motivo a nós desconhecido, levou Estaço áquella opinião, o que não aconteceria, se fizesse uma analyse minuciosa, e não seguisse sómente o maravilhoso, mania dominante naquelles tempos, e que, infelizmente, muitos escriptores induziu ao erro.

Quer Estaço que o nosso S. Torquato seja o Bispo de Guadix, e que, na invasão dos mouros, o trouxeram aos suburbios de Guimarães, e aqui o esconderam.

Uma trasladação não é negocio que se faça ás occultas, e maximè d'um corpo inteiro, como é o de S. Torquato. É incrível que se praticasse tanto em silencio, que nem um só monumento, nem um testemunho só nos reste a tal respeito.

E se tal fosse, pergunto:

Se o nosso S. Torquato é o Bispo de Guadix, quem é o que está no convento de Cella-Nova?... E se o foi, como fugiram com elle os gallegos aos mouros para a terra aonde estavam mouros? Diz Estaço: *É possível*; e eu respondo: *Tambem é possível fugir para a Africa; logo, está em Africa*.

Daquelle S. Torquato, Bispo de Guadix, temos duas trasladações: uma, na entrada dos mouros, em 714, para o Bispado d'Orense, reino da Galliza. Isto mesmo diz

Estaço, *Antig. de Port.*, cap. 34, n.º 1, e o confirma o Breviario hespanhol, fallando, na resa deste Santo, do modo seguinte: *Ejus corpus in eadem urbe (quæ nunc Guadix appellatur) primo sepultum est. Inde, in Galleciam translatum, in quodam Cœnobio ordinis Sancti Benedicti condigno honore asservatur.* Esta trasladação foi feita pelo Cardeal Jacintho (que depois foi Papa com o nome de Calixto III), sendo Legado neste reino do Papa Alexandre III, e ali se acha o Santo no Mosteiro de Santa Combã de Raude, Priorado do Mosteiro de Cella-Nova, da Ordem de S. Bento, fundação de S. Rozendo.

Demais: o seu sepulchro foi aberto em 1593 por mandado d'El-Rei Philippe II de Castella e I de Portugal. Este facto attesta Cardoso, *Agiolog.* tom. 3.; Ferrer, *Historia de Santiago*, liv. 2., cap. 12.; Iepes, *Historia de Cella-Nova*; e outros muitos. Gregorio XIII concede um plenissimo Jubileu no dia da sua festividade; então como póde ser esse o nosso S. Torquato?... Isto não tem resposta.

Delle se conta outra trasladação, em 1601, do seu tumulo para o Altar-mór, aonde existe em uma arca de prata, e se vêem em relevo muitas figuras, e passos do seu martyrio, a cuja trasladação assistiu o Bispo d'Orense, D. Miguel.

Um braço deste Santo Bispo acha-se guardado, e venerado no Mosteiro de Santa Maria de la Vega, da Ordem de Cister, Bispado de Palencia, ainda coberto de carne, e com uma ferida entre o quarto e quinto dedos.

Confirma-se tanto mais esta verdade, que o Bispo de Guadix, D. Affonso de Moscoso, pretendendo adornar a sua Igreja com uma reliquia de S. Torquato, seu primeiro Bispo, com muito custo a conseguiu do Convento de Cella Nova (Iepes — *Hist. de Cella Nov.*) e não veiu por ella a Guimarães ao nosso S. Torquato: prova irrefragavel de que a Igreja de Guadix reconhece naquelle o seu Bispo; e a tradição de uma Igreja tem mais criterio do que a opinião de um escriptor particular.

O ultimo reducto a que Estaço se acolhe é dizer: que os Martyrologios só fazem menção de S. Torquato, Bispo d'Acci, e de nenhum outro; etc., etc.

É verdade que nos Martyrologios de Usuardo, e de Maurolico se lê: *item Fortunati et Felicis*, etc., etc.; no romano: *Fortunati Felici et aliorum*.

A isto responde D. Rodrigo da Cunha:

Que nos verdadeiros originaes, e primeira fonte donde foram tiradas estas palavras, se devia lêr: *item Torcati Felicis et aliorum viginte septem*; vindo o erro dos copistas, pela muita similhaça, entre *Fortunati* e *Torcati*. Nem obsta a particula (et) que se acha entre *Fortunati* e *Felicis*; *primò*, porque podia ser erro dos amanuenses, persuadidos que eram dois os sujeitos; *secundò*, porque o mesmo D. Rodrigo da Cunha asfirma — que elle mesmo viu um antiquissimo Martyrologio manuscripto, que havia sido dos Conegos'Regrantes do Mosteiro de Roriz, e (então) se conservava no Collegio de Braga, da Companhia de Jesus, no qual faltava a particula (et). Falta igualmente no Martyrologio do Barovio, impresso em Roma em 1598, no outro d'Antuerpia no anno de 1701, em outro de Veneza em 1736, e, finalmente, nas addições de Molano ao Martyrologio de Usuardo, impressas em Lovaina em 1573. Confrontando, pois, a historia com o que dizem os Martyrologios, devemos concluir que S. Torquato padeceu aos 26 de Fevereiro, sendo Arcebispo de Braga, e com elle vinte e sete companheiros.

Por ultimo responderei a Estaço: que Fr. Antonio da Purificação, na Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho, trata da fundação do Mosteiro de S. Torquato, junto a Guimarães, com a invocação de S. Torquato Felix, Bispo de Braga, martyrisado ahi mesmo com vinte e sete companheiros, cidadãos bracharenses, no anno de 719.

Sandoval, nas antiguidades da Igreja de Tui, fazendo menção de um privilegio de Ordonho II, aonde se referem as barbaridades que soffreram os Bispos na invasão dos mouros, declara á margem — que Muça ganhou Galliza,

que arruinou Braga, e que martyrisou seu Arcebispo, de nome Torquato, com vinte e sete companheiros.

É sobre tudo clarissimo o testemunho do P.^o Antonio de Vasconcellos, acerrimo defensor de antiguidades: *Vimaranum* (diz elle) *habet Torcatum corpus illius, qui à tribus hispanis novissionus est. Situm est in canobio Regularium Canonicorum quo à Torcato, Torcatum, vulgo dicitur.*

Tudo isto prova que houve um Arcebispo de Braga, chamado Felix Torquato, ou Torquato Felix, que morreu junto a Guimarães, que está ahí seu corpo incorrupto, sem que seja preciso, para confirmar esta verdade, que se vá inquietar a Cella-Nova o S. Torquato, que ali se acha, Bispo de Guadix, no reino de Granada, e discipulo de Santiago.

Tenho dito quanto basta para os entendedores da materia. Já que não é possível abranger neste prologo o opusculo inteiro do Ex.^{mo} S. Damaso d'Abreu Vieira, a que posso chamar — o *symbolo Torquetense*, — tenha delle noticia o publico, em quanto existe nas mãos dos curiosos,¹ e não paga o tributo ao tempo — sorvedouro immenso, aonde tantas preciosidades se perdem, que deveriam estar escriptas com letras de ouro em laminas de prata.

Nem tudo corre á medida dos nossos desejos, e por isso, extensa, mais do que eu queria, vae esta declaração. É singela, pura e veridica: não inceto nem profundo a materia, seria isso lançar a luva ao meio da liça: a victoria já outro a ganhou, eu sou apenas um plagiario do que achei escripto, e não pouca gloria me cabe em manifestar a verdade.

Em quanto á narração historica da vida e martyrio de S. Torquato, serei fiel, laconico e imparcial. Seguirei um estylo claro e comprehensivel a todas as capacidades.

¹ O Ill.^{mo} Sr. José Ignacio de Abreu Vieira, sobrinho do auctor, cedeu o autographo para ser conservado no archivo do Santo.

As notas serão a ancora, aonde se firme esse baixel fluctuante, ha tantos seculos, no immenso pelago das opiniões.

Não temo a critica, nem a mereço; pois que a necessidade, e não o orgulho, me submetteu a esta empresa. Demais: pouco ou nada é meu, e nem d'isso me ufano: portanto, qualquer censura que appareça, fere os auctores que reli, e não a mim. Os sabios, como taes, pensarão deste modo: os zoilos desprezam-se: e nem elles sabem fundamentar a sua diatribe, senão folheando os mesmos auctores: neste caso, resta-me a gloria de os fazer estudar; e, em quanto se occupam neste doce ministerio, poupam algum outro, que mereça, menos do que eu, seus golpes mortiferos.

Aquelles, porém, que conhecem os erros, esses melhor os sabem desculpar.

O Auctor.

VIDA

DE

S. TORQUATO.

O reino de Hespanha, sempre fecundo em heroes, não menos o foi em Santos.

A cidade imperial de Toledo, antiga capital dos reis godos, deu tambem um avultado contingente para o esplendor daquella nação; e o seculo VII viu nascer um astro, que, fulgurando com as mais acrysoladas virtudes, deu á Hespanha um sabio, á Igreja um martyr, e á religião um Santo; seu nome é Torquato.¹

¹ O *Breviario Bracharense*, na sua epigrapha, em 26 de Fevereiro, diz: *In festo Sancti Felicis Torcati*; e na primeira lição começa *Torquatus Felix*, segue-se que usava dos dous nomes, como era livre naquelle tempo assignarem-se os Bispos, com o nome ou sobrenome. O Arcebispo de Braga e Toledo, chamado *Leodecisio Juliano*, no 13.º, 14.º e 15.º Concilios Toletanos, sempre assignou com o sobrenome *Juliano*. Os Cardeaes da Santa Igreja usam sempre do sobrenome, e em S. Torquato era espirito de humildade assignar-se *Felix*, e desprezar o de *Torquato*, pela nobreza da sua familia (dos Torquatos romanos).

Descendente da nobre e muito antiga familia dos Torquatos romanos, lá consumiu o tempo os nomes de seus progenitores, sem que por isso perca o nosso S. Torquato. As honras adquiridas supplantam as herdadas. A virtude de um mendigo deslumbra á face das sacras aras; porque brilha mais do que o berço marchetado de diamantes, e recamado de fino ouro. Perde o esplendor do nascimento aquelle que se espoja no lodo dos vicios; mas se o sangue nobre gira de mistura com a mesma virtude, então esse homem é bem semelhante ao raio de luz, que reflecte tanto mais bello, quanto é mais cristalina a materia onde reverbera. Tal foi S. Torquato: presou o sangue das suas veias, não tanto pela sua nobreza, que elle despresava, como pelo desejo que tinha de o derramar, para com elle regar a planta da Cruz, e nellá a religião do Crucificado.¹

A Sé de Toledo foi o primeiro theatro de suas virtudes. Qual outro Samuel junto do Templo do Senhor, assim Torquato aprendeu o tyrocínio de sua

¹ De tres Santos reza a Igreja com o nome de *Torquato*, dous Bispos, e um secular. Este morreu em Braga no tempo de Sergio Gallea por não querer adorar a Silvano e a Ceres: foi irmão de Santa Suzana, e S. Cucufate, e seu corpo está em Compostella, no templo de Santiago, levado pelo Arcebispo daquella cidade, D. Diogo Gelmires, no anno 1102, andando S. Giraldo em visita.

Dos Bispos, um foi o discipulo de Santiago, Bispo d'Acci, ou Guadix, no reino de Granada, cujas reliquias se acham ao presente no mosteiro de Cella-Nova na Galliza, da Ordem de S. Bento, fundação de S. Rozendo.

Resta o terceiro, que é o nosso S. Torquato, Arcebispo de Braga, o qual se acha inteiro na freguezia de seu nome, nos suburbios de Guimarães, cuja vida vamos descrevendo.

carreira angelica, que, fazendo-o admiravel aos olhos dos homens, o tornou grande na presença de Deus.

Ali S. Torquato invocava a Santissima Virgem, como fonte donde podiam dimanar todas as graças; e Maria Santissima, docil ás supplicas do innocente Torquato, implorava a seu Bemdito Filho os dons do céu, para com elles engrandecer o nosso S. Torquato. Para ser mais constante a sua virtude, invocava, como patronos para com Deos, umas vezes Santa Leocadia, Padroeira de Toledo, outras vezes ao Apostolo Santiago, Protector das Hespanhas, e sempre á Côrte Celestial, a quem Deos concede os favores a prol daquelles, que lh'os imploram com humildade e abatimento.

Esta arvore, assim plantada junto do Altar do Senhor e da Santissima Virgem, regada com o suave leite de Sua Mãe tão carinhosa¹, daria forçosamente sazoados fructos; foram tantos, tão grandes, e tanto nelle resplandecia a innocencia nos costumes, e a unção em suas palavras, que S. Torquato, contra a sua propria vontade, desempenhou a dignidade de Arcipreste da Sé de Toledo, a que foi elevado por unanime consentimento, não lhe obstando a sua pouca idade, pois que supprida estava pela sciencia, que nelle florescia, com a prudencia, com o perfeito conhecimento das sagradas letras, e de outras muitas virtudes, que o faziam respeitavel como se fôsse um venerando velho, pois que sómente á decrepitude se

¹ Sub Deiparæ Virginis tutela educatus — *Brev. Brachar.*, lect. ejusd. Sant., 26 de Fevereiro.

confiava, naquelle tempo, uma dignidade de tanta responsabilidade.

Igual no Arciprestado, como o fôra antes d'elle, dava a Deos o tempo que lhe restava de suas muitas occupações, pois que naquelles tempos os Cabidos e as suas dignidades não se limitavam á reza das Horas Canonicas: elles acompanhavam os Bispos nas suas visitas; cathequisavam, instruíam, confessavam, prégavam, coordenavam as *dypticas*¹, os *agyographos*², os *martyrologios*³, o que era particular obrigação do Arcipreste, além de vigiar o procedimento dos Presbyteros e do Clero, e de dizer a Missa na ausencia do Bispo.⁴

Tantas virtudes não podiam reconcentrar-se na capital gothica de Toledo. Essa portentosa cidade era pequeno theatro para tantas maravilhas. O sol, quando apparece no horisonte, estende logo seus raios até ao occidente; assim as virtudes de S. Torquato resplandeceram em toda a Hespanha, que o seu nome era admirado pelos povos da Galliza com amor, com respeito, e com veneração.

Morto Hildulfo Felix⁵, Bispo de Iria Flavia, ou

¹ Chamavam *dypticas* as taboas em que se escreviam os nomes e acções illustres dos Prelados e varões que floresciaam nas Igrejas.

² *Agyographos* eram as taboas em que se escreviam as virtudes dos Santos.

³ *Martyrologios* eram as taboas em que se escreviam os nomes e as acções dos martyres.

⁴ Argote, tom. 3.^o fol. 597.

⁵ Assim anda assignado no 4.^o Concilio Bracharense, annó de 675: *Hildulfus, qui cognominor Felix Iriensis Ecclesiae Episcopus*. Quer Eslaço que fôsse este o Bispo do Porto, e depois viesse para Braga, e que subscreeu no 3.^o Concilio Bracharense.

do Padrão, o clero, a nobreza, e o povo daquella cidade elegeu a S. Torquato para seu Pastor, para seu Bispo, e pae espirital.

S. Torquato, tendo rejeitado, e, só constringido pela obediencia, acceitado a dignidade d'Arcipreste, muito mais despresaria os trabalhos do Episcopado; porque os Bispos daquelles tempos eram uns constantes operarios da vinha do Senhor: a sua Diocese era o seu palacio; chrisstavam continuamente; visitavam as Parochias; pré-gavam, reprehendiam, admoestavam, convertiam, e colhiam os fructos de seus trabalhos pessoases; sendo tudo para todos, e só nada para si mesmos.

Lá vae S. Torquato despedir-se da Santissima Virgem: diante de seu Altar chora, pede, roga que lhe inspire o regimen da sua Diocese, e o bom fructo de seus trabalhos Apostolicos. Maria Santissima falla ao seu coração, promette-lhe a sua protecção; e S. Torquato, qual outro Abraham, deixa a sua patria, e vae germinar em terra estranha fructos de benção para a Igreja, de piedade para os pobres, e de virtudes sociaes para o estado.

As cidades do Padrão e de Toledo eram o Democrito e o Heraclito, chorando umá tanto quanto a outra ria e se alegrava. A sua primeira entrada no Padrão foi um triumpho, não como outr'ora a so-

Examinando imparcialmente esta questão, caduca de sua natureza: o 3.º Concilio Bracharense foi celebrado em 572; o Concilio 16.º de Toledo foi celebrado em 693, mediou 121 annos!!! Demais, no 3.º Concilio Bracharense lá está assignado o Bispo *Tricense*, com o nome de André; logo nenhum credito (neste ponto) devemos dar á Estação.

herba Roma prestava a seus heroes e conquistadores, mas como praticavam os Christãos, nascendo do coração esse jubilo, que se finge para os oppressores; e por isso a sua phantastica gloria baqueia tanto mais depressa, quanto prompta se ergueu.

A reforma no Clero e no povo foi o primeiro disvello do novo Bispo. Conhecendo que a instrucção é a fonte da prosperidade, fundou seminarios para os Ecclesiasticos, e escólas para os povos. Zeloso da honra de Deos e da sua gloria, tanto premiava a virtude, como asperamente punia o vicio. Fiel observante do Evangelho, admoestava primeira, segunda e terceira vez; e só com as lagrimas nos olhos, a tristeza no coração, e a dôr em sua alma, impunha as censuras, ultimo recurso dos Prelados, e que, segundo os Sagrados Canones, só devem ferir a contumácia, e não as pequenas fragilidades, para ser respeitada e temida, quando imposta com justiça.

Pouco tempo foi preciso para se vingar a cidade de Toledo da cidade do Padrão. O Porto já então era cidade rica e opulenta, e, morto o seu Bispo Fruarico, foi acclamado S. Torquato seu successor, sem que impedisse esta eleição o amor dos povos do Padrão, e a reciproca affeição do nosso S. Torquato.

A scenã que presenciou a cidade de Mileto quando S. Paulo se despedia dos Christãos, foi a mesma que representaram os povos do Padrão, quando na despedida acompanhavam o seu Santo Prelado; mas, se um ponto universal foi a resposta dos Miletenses ás palavras de Paulo, quando lhes disse: *Eu sei que*

jámais vos tornarei a ver, e que não pisarei segunda vez a vossa terra, aonde tantas vezes préguei o reino de Deos¹, o mesmo fizeram os Padroanos, quando S. Torquato lhes disse o ultimo adeus. E se a gloria de S. Paulo era dizer áquelles povos: *Não ambicio-nei o ouro, a prata, nem as pedras preciosas; este mesmo vestido, e o que me era preciso para o sustento, eu o ganhei por minhas mãos²*; outro tanto dizia S. Torquato: *Pobre entrei no meio de vós, pobre de vós me retiro: trabalhei sempre no importante negocio da vossa salvação; o Céu me envia para outra seara, vou arrotea-la: conservaes em vosso coração a doutrina que vos préguei; amae-vos mutuamente; e já que outra cousa vos não posso dar, accitae a minha benção, e com ella a prova mais decisiva do amor paternal que vos consagro.*

Caminha o novo Paulo para a cidade do Porto, guiado pelo Espirito do Senhor, a fim de occupar a Cadeira que o Bispo Fruarico deixára vaga. Os Portuenses o recebem como um Anjo que o Céu lhes envia, porque antes d'elle tinha chegado a fama da sua virtude e da sua santidade.

Fiel observante dos deveres pastoraes, Torquato foi no Porto o mesmo que sôra no Padrão. Antes que a necessidade o chamasse elle comparecia; dava

¹ Ego scio, quia amplius non videbitis faciem meam vos omnes, per quos transivi predicans regnum Dei. — *Actus Apostolorum*, cap. 20, v. 25.

² Argentum, et aurum, aut vestem nullius concupivi, sicut ipsi scitis: quoniam ad ea, quae mihi opus erant, et his qui mecum sunt, ministraverunt manus istae. — *Actus Apostolorum*, cap. 20, v. 33 e 34.

à oração e à leitura dos Santos Padres o tempo que lhe restava do exercicio episcopal; repartia com os pobres o mesmo que lhe era necessario; e, amado de todos, de todos venerado como Santo, *Torquato* não era o Bispo Portucalense, era sim o pae commum e universal de todas as suas ovelhas.

No meio deste ministerio verdadeiramente Apostolico, é repentinamente inquietado o nosso Santo, e roubado aos seus filhos espirituaes, para ir a Toledo assistir ao 16.º Concilio, celebrado naquella cidade pelos annos de 693 no 1.º de Maio; e convocado por El-Rei Egyca, a fim de condemnar a *Sesiberto*, Arcebispo daquella cidade.¹

A soberba que dominou a *Lucifer*, tambem domina algumas vezes os Ministros do Senhor. Toledo conserva em um cofre riquissimo uma das maiores preciosidades que a Igreja venera. É a casula, ou vestimenta, que Nossa Senhora deu a Santo *Ildefonso*, quando era Bispo daquella cidade: *Sesiberto* quiz tambem dizer Missa com ella, argumentando que era tanto Bispo como foi Santo *Ildefonso*, sem lembrar-se que não ao Arcebispo, mas ao insigne Santo e seu Capellão, deu *Maria Santissima* aquelle penhor da sua predilecção; mas quando abria o caixão para tirar a veneranda reliquia, um tremor geral se occupa delle, sem que podesse levar ao fim seu

¹ D. Rodrigo da Cunha, cap. 100, fol. 414, marca este Concilio em 693; outro tanto a *Chronologia dos Prelados de Braga*, impressa em Coimbra em 1830; o *Anno Historico*, composto pelo Chronista dos Loyos; impresso em Lisboa em 1714; *Benedictina Lusitana*, e outros.

damnado intento. Não satisfeito com este insolito procedimento, arvora-se em cabeça dos sediciosos, que premeditavam o assassinio d'ElRei Egyca, o qual, avisado da preversidade dos conjurados, não usou da força contra elles, pelo contrario, como Rei catholico, prende a Sesiberto, e convocou a Concilio todos os Bispos de Hespanha, para o julgarem canonicamente.

E na verdade, quanto foi magestoso ver o Imperador Constantino assentado entre os Bispos, no Concilio de Nicea, quando se condemnou Ario: assim entre os Bispos, em Toledo, fulgurava o Rei Godo como protector e defensor da Igreja de Hespanha. Neste Concilio se reuniram cincoenta e oito Bispos, cinco Abbades, tres Vigarios dos Bispos ausentes, com dezeseis senhores seculares, e, entre elles, as maiores capacidades intellectuaes: foi o 6.º no tempo de El-Rei Egyca. A traição foi manifesta, Sesiberto a confessou publicamente, e, convencido do crime de lesa-magestade, é condemnado, deposto da Cadeira Episcopal, excommungado, e para longe da Hespanha degradado, e que não podesse receber o Santissimo Sacramento senão em artigo de morte.

A eloquencia de *S. Torquato* de tal sorte se manifestou neste Concilio, que o Arcebispo de Braga Faustino, que nelle presidiu, resigna a Cadeira e a Primazia das Hespanhas em favor do Bispo do Porto, e todos os Bispos respondem — *é bom e justo esse conselho*; — mas oppondo-se a esta decisão o reba-

¹ *Benedictina Lusitana*, parte 4.ª, pag. 505.

nho Portuense, para que este não chore a sua orphandade, e Braga não perca um Pastor de virtudes tão acrysoladas, decide o Santo Synodo que Torquato seja Arcebispo Primaz de Braga, regendo simultaneamente a Diocese do Porto¹, e pouco tempo depois tambem governou a Igreja de Dume.²

O Concilio, além d'outras muitas leis canonicas, muda para Sevilha a Faustino, Arcebispo de Braga, e determina que fique em Toledo Felix, Bispo de Sevilha.³ Desta fórma suppriu o Concilio a falta de Sesiberto, vingou os Sagrados Canones, e a injuria feita ao Rei.⁴

Novos trabalhos se preparam a S. Torquato; porém novos triumphos lhe destina o Céu. Braga recebe o novo Esdras, que vinha reanimar o sacrificio e o povo amortecido. O orphão e a viuva, o velho decrepito e o innocente desamparado, encontram em S. Torquato um pae amante, terno e carinhoso. A nada se poupava o seu zêlo ardente: qual outro vigilante pastor, que de dia e de noite guarda o rebanho para que o lobo lhe não arrebate alguma ovelha, assim elle pastoreava as tres Dioceses, não com forças humanas, o que era impossivel, mas com os auxilios do Céu, que nunca desampara aquelles

¹ No fim do Concilio assignou deste modo: *Eu Felix, Bispo de Braga e do Porto, assigno estes decretos synodaes feitos por nós.*

² Similiter que Dumensis Ecclesiae, illi, paulo post, tradita est. — *Breviar. Brachar.*, lectio 3, 26 de Fevereiro.

³ Canon 10.º do 16.º Concilio Toletano.

⁴ Assim o relata Juliano, Arcipreste de Toledo, e outros muitos auctores.

que pedem as graças do Senhor com um coração constricto e humilhado.¹

Assim vivia o nosso S. Torquato na sua Diocese Bracharense, em quanto o inferno promovia encarniçado a sua ruina.

Corria o anno de 714, quando os Arabes Mussulmanos entraram em Hespanha. As divergencias entre o Conde Juliano e D. Rodrigo, ultimo Rei dos Godos, trouxeram á Peninsula esta praga, e com ella o Alkoran. O imperio Wisigothico acabou logo que Juliano abriu as portas de Ceuta a Muça, ou Musa, a quem Walid, ou Vlit, Kalifa de Damasco, e Gran Monarcha de Babylonia, nomeou Êmir de toda a Africa.²

Muça manda á Peninsula o seu logar-tenente Tarik, que tinha sido seu escravo, com 180:000 homens de pé, e 40:000 de cavallo³: este general deu o ultimo golpe na Monarchia Gothica, desbaratando a D. Rodrigo junto do rio Guadalete na Andaluzia.⁴ Desta sorte vingou Juliano a conspiração, que D. Rodrigo tinha promovido contra Witisa, sómente com o fim de usurpar-lhe a corôa.

Tarik, alcançada a victoria de Guadalete, caminha ayante: Muça, invejoso da sua gloria, manda-lhe que sobre-estivesse na conquista: era já tarde; Tarik es-

¹ Còr contritum et humiliatum Deus non despicias. — *Psalmo* 50, v. 18.

² Alexandre Herculano — *Historia de Portugal*, vol. 1.º, cap. 2.º pag. 49.

³ *Benedictina Lusitana*, tom. 1.º, pag. 431.

⁴ Em o anno de 714, aos 11 de Novembro, e durou esta pejeja oito dias. Argote, tom. 4.º pag. 223.

tava ás portas de Toledo, que voluntariamente se abriram ao vencedor.

Muça, despeitado com este procedimento, desembarca em Sevilha, encaminha-se á Lusitania, e, vencida Niebla, Ossuma, Mertola, Béja, Merida, parte para Toledo a fazer junção com Tarik. Em Talavera se unem, entram na cidade como amigos, e Muça, reunindo os cabos de guerra, depõe a Tarik por desobediente.

O Kalifa de Damasco desaprova o procedimento de Muça, e restitue Tarik ao commando das tropas berébéres, ou mouriscas: este caminha pelo lado do oriente, em quanto Muça, com os Arabes, se dirige para o norte; e, feitas muitas varias correrias, lá vae juntar-se a Tarik, que sitiava Saragoça. Esta cidade se entrega logo que vê chegar o reforço do Êmir d'África; e os vencedores reunidos, caminham sobre Aragão e Catalunha, retrocedem para o occidente, e ei-los na Galliza.

S. Torquato, ao ver esta invasão, implora do Céu as forças que não era possivel reunir sobre a terra. Dous vencedores tão poderosos, e sem que a fortuna lhes tenha escaceado, não temem a resistencia; porque o impulso da victoria não retrocede facilmente. Uma só esperança reanima a S. Torquato, e era ser Tarik tão humano e caritativo em favor dos Christãos, quanto Muça era barbaro, cruel e deshumano para com elles, por isso que os dous generaes Sarracenos tinham jurado seguirem uma politica diametralmente opposta entre elles; e então, sé se dividissem na entrada desta Província, seria uma fe-

licidade para Braga se ficasse sujeita a Tarik, e não a Muça. Mas não aconteceu, infelizmente, como projectava S. Torquato; ou melhor, queria o Céu que o novo Apostolo do seculo VIII firmasse com o seu sangue a doutrina que tinha prégado, para ficar mais arreigada nos corações de seus filhos espirituaes.

Os dois vencedores caminham juntos, e na vanguarda de seus exercitos voava a fama de suas crueldades. As terras por onde passavam esterilizavam-se, de todo arrasadas; parecia que a mão do inferno ou a lava ardente do Vesuvio as havia regado. O sagrado era tanto victima do seu furor, como o profano; tudo fugia á sua vista, os habitantes desapareciam todos, e a Galliza ficou reduzida a uma espantosa solidão.

Arrazada a villa de Guimarães, e as suas immedições, que esperava a cidade de Braga? Braga, como Primaz e Metropole das Hespanhas, era o objecto de odio para o barbaro Muça. No relógio infallivel batia a ultima hora da sua destruição. A de feza era inutil; a ruina era certa; salvar o Bispo era o seu unico desejo.

Rodeado S. Torquato de seus filhos abençoados, que elle muito amava; estes lhe propõem o exemplo de *Sinderedo*, Bispo de Toledo, que ao aproximarem-se os barbaros vencedores ás portas daquella cidade, fugiu para os montes; porém S. Torquato lhes responde: — *Meus filhos, é obrigação do pastor dar a vida pelas suas ovelhas;*¹ *morrerem os*

¹ Bonus Pastor animam suam dat pro ovibus suis. — *S. João*, cap. 10, v. 11.

filhos e salvar-se o pae, que gloria resta?... À quem serei util depois da vossa morte?... Que prazer terei se me sentar sobre essa ultima pedra, aonde a cimitarra mussulmana deixe escripto com letras de sangue — Aqui foi Braga?... — Como desempenharei os officios de Summo Sacerdote, sem templo, sem altar, sem ministros e sem assistente?... Não, meus filhos, não sigo o vosso conselho: irei ao encontro do inimigo, ou para o vencer com a persuasão, ou a morrer com o rebanho de Jesus Christo.¹

Braga chora a sua orfandade... S. Torquato a deixa para nunca mais a ella voltar. O rebanho bracharense, sem aprisco, em vão clama pelo Pastor: este não lhe foge, não, porque não é mercenario;² elle vae afugentar o lobo, antes que esfaimado assalte o rebanho.

Junto a Guimarães se encontram os dois generaes e os dois exercitos; um composto de vinte e sete christãos, com S. Torquato á sua frente,³ o outro, composto de muitos mil barbaros, commandados pelo inhumano Emir d' Africa, o general Muça...

¹ Animam meam pono pro ovibus meis. *S. João*, cap. 10, v. 15.

² Mercenarius autem fugit, quia mercenarius est. — *S. João*, cap. 10, v. 13.

³ *Breviario Bracharense*, lectio 6, 26 de Fevereiro; *Anno Historico*; Juliano, Arcebispo de Toledo, diz: Ha na Capella de S. Torquato um thesouro escondido de reliquias, que está na parede junto ao Altar-mór, com um letreiro em gothico, que diz: *Nomina Jústorum, quorum hic requiescunt, membra Sanctorum, Vincentii, Martini, Romani, Felicis, Stephani, Leocadiae, Columbae, Sabineae, Christitae et Justinæ*. São, sem duvida, os nomes de parte dos 27 companheiros, cidadãos de Braga, que morreram com o Santo.

Deos e Baal, Mahomet e Jesus Christo, estão em paralelo. *Ouvi e crêde*: é a voz de S. Torquato. *Acreditae ou morrei*: é a voz de Muça. S. Torquato, fortalecido por aquelle espirito que animou a S. Paulo, quando sentenciado á morte pelo juiz Festo, heroicamente lhe disse: — *Eu sou cidadão romano, e como tal appello para o Cesar*: — assim o nosso Santo dizia a Muça: — *Appellarei de tuas crueldades para o Kalifa de Damasco; os vencidos não resistem; se respeitam as tuas armas, respeita tu a sua religião; podes roubar-nos o oiro, a prata e a mesma vida, mas nunca desarreigar de nossos corações o nome do Crucificado. Eu sou o pastor do rebanho bracharense; a mim compete reprehender a tua ousadia; pois já que não acreditas no Evangelho,¹ teme a ira do Céu, que puniu a Pharaó quando perseguia o povo de Deos: e se queres a minha vida e o meu sangue, prompto darei tudo, para salvar o rebanho que o Senhor me entregou.*

Muça, enfurecido com tal discurso, descarrega sobre S. Torquato o golpe da morte...² Em quanto seus barbaros sectarios fazem outro tanto sobre seus fieis e inseparaveis companheiros, em numero de

¹ Vos non creditis, quia non utis ex ovibus meis. — S. João, cap. 10, v. 17.

² No auto de exame que se fez a S. Torquato aos 17 de Junho de 1805, pelo Reverendo Antonio Lopes Paula, Abbade de Santo Thirso de Prazins, de commissão do Doutor Provisor, o medico de Guimarães, Miguel Rebello de Bastos, diz: — «No peçoço se acham destruidas as partes musculosas e desarticuladas, as vertebrae uribicaes, aonde se divisa uma rotura grande, que se póde conjecturar, conforme a tradição, que seria a parte aonde soffreu o martyrio.»

vinte e sete.¹ Teve logar o seu martyrio vinte e dois annos depois do 16.^o concilio Toletano, e seis depois de perdida a Hespanha.

Abandonado o Santo cadaver, e coberto de pedras pelos barbaros, em desprêso, assim esteve escondido o tempo que aprouve á Divina Providencia,² pois que ao certo não se sabe a epôcha do seu apparecimento.

¹ *Breviario Bracharense, let. 7, et inde.* Examinando as paredes da Igreja de S. Torquato, não apparecem taes reliquias, nem o letreiro de que falla Juliano; não admira, porque a Condessa Muma Dona ajuntou as que pôde, para enriquecer o Mosteiro de Santa Maria, e é natural as fosse tirar ao Mosteiro de S. Torquato, que então lhe pertencia. El-Rei D. Manoel tambem mandou recolher ás cidades e ás villas as reliquias, etc.; se os povos resistiram á vinda do Santo, não fariam outro tanto ás dos companheiros que morreram com elle.

Que a Igreja de S. Torquato era um manancial de reliquias, bem o prova o Padre Carvalho na sua Chorographia, tom. 1. pag. 29, aonde faz menção de outro depósito, além do indicadô na parede, e é o seguinte:

«No Archivo da Collegiada da Senhora da Oliveira da villa de Guimarães, encontrou Nicolau Dias de Mattos um pergaminho que mal se podia lêr, mas que dizia, estavam nas paredes de S. Torquato muitas reliquias; e na companhia do Mestre-escôla, Domingos Pinto de Araujo, e do Conego Miguel de Fréitas da Cunha, foram áquella freguezia, aos 17 de Novembro de 1685, com o Proto-Notario Apostolico, Padre Paulo Gomes, com o Notario do Santo Officio, tudo com licença do Arcebispo Primaz, D. Luiz de Sousa; muitas e mui veneraveis reliquias appareceram no Altar-mór, as quaes vieram para a Collegiada de Guimarães.»

² D. Rodrigo da Cunha, no Catalogo dos Bispos do Porto, supplemento ao cap. 11, aonde diffusamente trata do nosso S. Torquato, como Bispo daquella cidade, 1.^a part., pag. 192, diz que no anno de 760, o Mosteiro de S. Torquato era conhecido ha mais de quarenta annos, com o nome de *S. Torquato, o Velho*, por ser a ermida aonde primitivamente estiveram enterrados o Santo com seus vinte e sete companheiros; ora, soffrendo elles o martyrio em 719, segue-se, que pouco tempo estiveram abandonados.

É certo, que sobre aquelle sitio descobria um Monge Benedictino todas as vezes que ia, á meia noite, tocar a Matinas, uns meteoros ou estrellas, que pareciam cair naquelle logar. Comtudo não era visivel aos outros o que Deos só queria manifestar áquelle seu fiel servo.¹

Divulgada esta maravilha do Céu, os povos correm ao sitio, e tirando o matto e outras muitas ervas, appareceu um montão de pedras, das quaes saía um agradável cheiro, prognostico de alguma cousa maravilhosa. Chamaram os Sacerdotes, e invocando com preces e orações a vontade do Céu, foram pou-

¹ A Igreja de S. Torquato foi convento duples de Benedictinos Frades e Freiras, fundado por D. Rodrigo Forjaz em 887; D. Rodrigo da Cunha refuta esta opinião, e remonta a sua fundação a tempos mais remotos. É certo que D. Fernando Magno, chamado o *Imperador*, fez d'elle doação a D. Muma Dona em 1049, quando a elle veiu com a Rainha sua mulher. D. Affonso Henriques o doou aos Conegos Regrantes de Santo Agostinho em 20 de Abril de 1173.

Foi sagrada a Igreja de S. Torquato pelo Arcebispo D. Pelagio em 1132; ainda conserva quatro cruces, signal da sagração; duas no meio das paredes da Capella-mór, e duas á entrada da porta da Igreja: a sua architectura é gothica, muito alta e estreita. Tem de largo 30 palmos, de comprimento, da porta ao arco cruzeiro 35 palmos. A Capella-mór tem de comprido 40 palmos, e de largo 25. A parede, da parte do claustro, foi reedificada ha mais de triuta annos. O claustro é quadrado, tem em circumferencia 140 passos. Está quasi destruido de todo; alguns cipos com letras já gastas, e muitas campas com epitaphios intelligiveis, formam essas ruinas, que gritam contra os Conegos da Collegiada (não diz respeito aos actuaes que nada recebem), mas sim com os passados, que, se fossem tão zelosos de conservarem aquellas antiguidades, como eram em receber as rendas, a provincia do Minho mostraria naquelle edificio um monumento antiquissimo da Lusitania.

co e pouco desentulhando as pedras, até que acharam o Santo Prelado!!!...

Tinha vestido uma çamarra côr de telha: e ao lado esquerdo um pau ou cajado toçco, insignia da sua jurisdicção.¹

Deos Nosso Senhor, para mostrar o seu poder, e dar logo uma prova da santidade do seu fiel servo, fez rebentar uma fonte d'agua salutifera, no mesmo logar aonde estava o Santo cadaver, tão perenne e constante, que corre para o rio de Celho, que traz de perto o seu principio.² Fazendo além disto as suas aguas miraculosas curas ainda hoje.

No mesmo logar, a piedade dos povos levantou uma pequena ermida, em memoria de S. Torquato, que ainda hoje se chama—*S. Torquato o Velho*³

¹ Não achei em parte alguma, que o Santo apparecesse com mitra; a tradição constante dá á sua invenção como deixo dito; e é certo, que ainda assim foi encontrado no ultimo exame que se lhe fez em 1805. Nem é de crêr, que o Santo se apresentasse de mitra aos tyrannos; mas sim, que levaria o baculo, não só para lhe sustentar o péso dos annos, como para indicar ao vencedor, que elle era o Pastor.

² Chama-se *Celho*, pelo facto seguinte:—«Vindo El-Rei D. Henrique, o terceiro, dar um assalto á villa de Guimarães, alçou o seu exercito da cavallaria na Veiga das Favas (hoje Campo d'Ataca, pertencente á casa do Gilde): descuidados os castelhanos, foram repentinamente accommettidos pelos portuguezes; e gritando aquelles—*Cella, Cella*,—dahi ficou ao rio o nome que perde, logo que entra no rio Ave, junto á ponte de Serves: depois de ter passado pelas pontes de S. Lourenço, Canciros, Miradouro e Soeiro, todas de pedra e bem lavradas.»— Apesar de tudo isto, não me conformo com a origem do nome de *Celho*, por quanto já Muma Dona, nas suas doações, faz menção do tal rio com o nome de *Celho*.

³ Tem esta Capella 20 palmos de comprido, e 15 largo: não

e ali esteve o Santo até ser trasladado para o Mosteiro, aonde o pozeram em um tumulo de pedra, mui grande, pouco aperfeiçoado, sobre quatro columnas, e cercado com um gato de ferro, dentro em uma Capella, que está da parte do norte.¹

Conservou-se neste sepulchro o Santo com muita devoção dos fieis, e sempre como orago daquella freguezia, como se vê na confrontação da freguezia de S. Cosmé e S. Damião da Lobeira, limite da freguezia de S. Torquato, já então em 984, ou como querem outros, 1004. El-Rei D. Affonso de Leão, diz assim: — *et divide cum Sancti Torquati*; — o mesmo se vê em D. Fernando de Leão na confirmação que faz á Igreja de Guimarães: — *nec non Sancti Torquati cum sociis suis*. — E no inventario das ditas terras, que vem incerto na carta, diz: — *Monasterio Sancti Torquati*.

No testamento de Muma Dona² falla em S. Salvador³ nos Apostolos, e em S. Torquato; donde

indica gosto nenhum de architectura, e bem podemos conjecturar, que se não é a primitiva, bem o demonstra.

¹ Examinada a Capella para onde se trasladou o Santo, encontrou-se a mesma architectura da Igreja Parochial. Tem de comprido 27 palmos e meio, e de largo 17 e meio. Depois se construiu outra Capella, chamada de *Santa Catharina*, que servia, como de corpo de Igreja á Capella do Santo, e communica para a Igreja Parochial por uma porta, junto ao altar lateral da parte do Evangelho. Esta Capella tem 30 palmos, da porta principal até á grade da Capellinha do Santo, e de largo 45; não pude colher a sua data, mas bem se conhece que é muito moderna.

² Existe no Archivo da Collegiada da Senhora da Oliveira de Guimarães.

³ Ainda existem as ruinas de uma Capella do Salvador, na freguezia de S. Torquato.

se depreheude a antiguidade e veneração do nosso Santo.

D. Affonso Henriques em 1162, quando concedeu ao Mosteiro a jurisdicção civil, dá como Orago daquella freguezia a S. Torquato: — *Affonsus Dei gratia Rex Portugalia... mando e concedo Petri Nuni Priori Sancti Torcati*, etc. — Tudo isto confirma a antiga veneração dos povos, que ainda hoje concorrem de freguezias longinquoas, com preces e clamores ao Santo, e de tempós tão remotos, que não é possível prescrutar a sua origem. Tirando os povos muitas pedras do seu sepulchro para reliquias, sendo até necessario, na visitação de 1650, impôr uma multa de 2\$000 réis, applicados para o sepulchro do Santo, a quem delle extrahisse mais reliquias.¹

El-Rei D. Manoel, querendo que se recolhessem ás villas e ás cidades as reliquias que se veneravam nas aldêas, para melhor decencia e culto aos martyres do Senhor, escreveu ao Cabido de Guimarães a seguinte carta:² — «Conegos da Igreja de Guimarães. Nós El-Rei vos enviâmos muito saudar. «Fazemo-vos saber, que nós havemos por bem, que «o corpo do bemaventurado S. Torquato seja trasladado á Igreja da Collegiada da dita villa, em lugar aonde ao Prior parecer bem, o qual levará o «Breve para a dita trasladação fazer, por quanto «havemos por escusado as dispensas que se haviam «de fazer onde até agora jazia. E porém vos man-

¹ Certidão inserta no processo instaurado para a elevação.

² Existe no Archivo da Collegiada da villa de Guimarães.

«dâmos, que deis ordem como se logo assim faça.
«Escripta em Lisboa, a vinte oito dias de Fevereiro
«de mil quinhentos e um.—Rei.— Aos Conegos
«de Guimarães, como vos apraz que o corpo de S.
«Torquato se traslade para a Igreja Collegiada da
«dita villa, onde ao Prior bem parecer.—Subs-
«cripto—Por El-Rei aos Conegos de Guimarães.»

Em virtude desta carta, partiu da villa o Cabido,¹ a Camara, os nobres, e o povo, com danças, festas e musicas, para a freguezia de S. Torquato; mas, chegando á Igreja, acharam uma muralha de povo, não só da freguezia, mas tambem das circumvisinhas, que em altas vozes clamavam:—*Morreremos todos, mas o Santo não sairá do nosso poder.*—Houveram requerimentos de uma e outra parte, até que a Justiça e o Cabido de Guimarães se retirou, e nenhum damno veiu aos povos da sua resistencia.

Governando a Igreja de Deos o Santissimo Padre Urbano VIII; sendo Parocho da freguezia de S. Torquato o Licenciado Jeronymo Coelho, aos 20 de Maio de 1637, o Arcebispo de Braga D. Sebastião de Matos e Noronha,² veiu com a sua gente á freguezia de S. Torquato, a fim de vêr o Santo; mas,

¹ O Cabido da Collegiada da Senhora da Oliveira, era o donatario daquella freguezia. Depois de muitos tempos, passou aquelle Mosteiro de S. Torquato ao dominio dos Priores seculares. Finalmente, no tempo do Papa Xisto IV foi annexado á Collegiada de Guimarães, pelo devoto Prior João de Barros, Conego da Sé de Braga em 1475, confirmada a doação pelo Arcebispo D. Luiz de Sousa, como diz Estacio, cap. 35, n. 4.

² A Chorographia de Carvalho marca este facto em 1597,

persuadido o povo, que o Prelado o queria levar para a Sé de Braga, tocaram os sinos a rebate, juntou-se o povo da freguezia e das circumvisinhas, e não foi possível ao Arcebispo vêr, e muito menos levar o Santo, retirando-se muito desgostoso; porque, entre as razões, que de parte a parte se discutiram, terminou o povo dizendo:— *Senhor! se quereis levar o Santo para terra de christãos, nós tambem somos christãos: Deo; e o Santo quizeram honrar esta freguezia; consenti vós tambem que ella possua este th'souro e esta gloria.*¹

Em virtude disto, o povo fez sentinella, de dia e de noite ao Santo, e multando-se a si mesmo, resolveu segurar o tumulo do Santo.² Para isso, fez de pedra, e com alguma architectura, um magnifico tumulo, dentro do qual metteu o antigo, e o rodeou com grades mais fortes,³ pondo-lhe por fóra, em letra romana, este letreiro:

acontecido ao Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus; mas é apocrypho, nem concorda com as citações abaixo declaradas.

D. Sebastião de Mattos e Noronha veiu de Elvas para Arcebispo de Braga em 1636, despachado por Philippe III; por tanto, no segundo anno do governo de Arcebispado, foi a S. Torquato, o que melhor se verá pela narração historica.

¹ Certidão tirada dos Estatutos antigos da freguezia, pelo Parocho de S. Torquato, Thomaz Francisco da Silva, no processo para a elevação, aonde declara:—“Que igual noticia deve estar no Archivo da Collegiada de Guimarães, em 1637.”

² É o mesmo que hoje existe na Capella de Santa Catharina, á direita da porta principal, removido da Capellinha do Santo, quando se fez a elevação.

³ Boaventura Maciel Aranha, diz:—“Que o tumulo fóra reedificado pelos Conegos de Guimarães, sendo D. Prior D. Bernardo de Athaide:”—mas é apocrypha esta noticia; segundo a declaração do Parocho daquelle tempo, foi á custa do povo.

HOC TUMULO ILLESIS CONDUNTUR
CARNIBUS OSSA TORQUATI D. PIGNORA CHARA.

É o mesmo que ainda hoje se lê: e no mesmo tumulto, antes de ser mudado, tinha mais o seguinte:

ANNO DE 1637,
SE GUARNEGEU ESTA SEPULTURA,
E ABRIU-SE, E ACHOU-SE
O CORPO, E CARNE INTEIRO,
VESTIDO DE PONTIFICAL, COM BACULO.¹

Levou a fazer esta obra até aos 14 de Julho do mesmo anno de 1637, e antes de o fecharem, foram áquella freguezia o Mestre-escóla da Collegiada da villa de Guimarães, Doutor Rui Gomes Goliás,² Conegos, e o Notario Apostolico, Diogo de Barros; os Juizes da Vara e do Sussino; muita gente da freguezia e fóra della; e aberto o tumulo, acharam o Santo inteiro em carne, e sem lesão alguma, mais que no pescoço, onde tinha um buraco, que denotava ser o golpe, e na pá, entre uma e outra;³ tudo

¹ A nomeação do Arcebispo, D. Sebastião de Mattos e Noronha, confere com a era deste monumento; por tanto, não foi com D. Fr. Agostinho de Jesus, como diz a Chorographia de Carvalho.

² A Chorographia de Carvalho dá este facto acontecido em 22 de Junho de 1512; porém a certidão dos Estatutos antigos da freguezia, e o auto da trasladação do tornozello, mostram o contrario.

³ Confere com o exame feito pelo Medico, quando se instaurou o processo para a elevação.

o mais estava inteiro: a mão esquerda assentava sobre o peito, e a direita sobre ella: os olhos cheios e compostos; era calvo, e o rosto grande; era grosso, e os joelhos estavam encolhidos; á cabeceira estava uma almofada, e aos pés estava um çapato de couro descozido; tinha vestida uma alva de hollanda, que o cobria até aos pés, e sobre ella uma ópa, tudo de barbilho côr de telha; os braços eram grossos; do lado esquerdo tinha um baculo de pau, que era redondo até ao meio, e dahi para baixo era de oitavado miudo.¹ De tudo isto se fez auto, que foi para o archivo da Collegiada.²

Foi nesta occasião, que o Mestre-escóla, Doutor Rui Gomes Golias, arrancou ao Santo um tornozello, que ainda veiu com raios de sangue; porém o Céu tanto castigou o roubador, que desde então nunca mais teve saude, e morreu miseravelmente.

As sobrinhas delle, D. Ignez dos Guimarães, D. Catharina Golias, e D. Luiza dos Guimarães, deaun-

¹ É aqui a rocha aonde naufragam as opiniões de Estaço, Brito, e outros que os seguiram.

O uso das insighias Pontificaes de baculo e mitra, não principiaram no tempo dos Apostolos. Ihescas, Platina, Buriù, e outros, affirmam — «que a mitra preciosa foi dada pelo Imperador Constantino Magno, a S. Silvestre, no iv seculo (que della não usou, contentando-se com mitra branca bordada a agulha). Bonifacio VIII, já feita tiara, a cingiu com uma corôa; e ultimamente com três, Urbano V. Logo, o discipulo de Santiago não podia ser enterrado com vestes ou insighias episcopaes, porque este uso principiou em Santo Euthychiano, 23.º successor de S. Pedro. Antes delle os Martyres e os Bispos eram sepultados sem pompa e sem insighias.

² Certidão extrahida dos Estatutos antigos daquella freguezia de S. Torquato, e junta ao processo para a elevação.

ciaram ao Prior da Collegiada,¹ D. Diogo Lobo da Silveira, Mestre da Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, Sumilher de cortina de Sua Magestade, o qual mandou ao Doutor Vigario geral Sebastião de Almeida Sequeira, Conego da mesma Collegiada, que fizesse a trasladação da mesma Santa reliquia para a Igreja da Oliveira, com a maior pompa possivel.

Reunida a Camara,² as Justiças, os nobres e o povo, foi o Cabido da Collegiada, precedido das corporações religiosas e do Clero, no dia 21 de Dezembro de 1662, processionalmente, indo o Arce-diago de Villa-Cóva, Jeronymo da Rocha, com a imagem do Menino Jesus, debaixo do Pallio, cujas varas sustentavam as pessoas mais nobres, em qualidade e governança, presidindo á Communidade de S. Francisco o Padre Fr. João de S. Miguel, Guardião; e á de S. Domingos, o Padre Francisco de Lemos, Prior, com suas cruzes levantadas, os Parochos com seus Curas e Confrarias; caminhando o povo com danças, musicas, e as maiores demonstrações de alegria; presidindo atraz do Pallio o D. Prior, a Camara, com seu Juiz de Fóra, o Corregedor, o Provedor da Camara, o Procurador do povo, e mais pessoas de distincção; assim caminharam até á Capella³ das supraditas sobrinhas do Mestre-escóla, o

¹ Disseram — «que seu tio ã trouxera de S. Torquato em o anno de 1637.»

² Auto feito pelo Notario Apostolico, Paulo Gomes, Presbytero e Escrivão ecclesiastico da Collegiada. Existe no Archivo da mesma.

³ Esta Capella existe ainda hoje com veneração. É a Capella da Casa das Lamellas.

Doutor Rui Gomes Golias, e chegando o dito Arceediago de Villa-Cóva ao Altar, estava sobre elle a Santa reliquia, rodeada de muitas luzes, e beijando-a, se recolheu debaixo do Pallio. Caminhou a prócissão pelas principaes ruas da villa, e chegando á Collegiada, foi posta sobre o Altar da Senhora da Oliveira, e cantada a Missa a musica, prégou o dito Fr. Francisco de Lemos, Prior do convento de S. Domingos.

No fim da Missa todos beijaram a Santa reliquia, e a recolheram á Sacristia, collocando-a no thesouro da mesma Collegiada.¹ Governava neste tempo a Igreja de Deos, Alexandre VII; era Rei de Portugal D. Affonso VI, e estava séde vacante a Igreja de Braga.²

Os milagres, que Deos tem feito, pela virtude de S. Torquato, são tantos, e de tanta magnitude, que seria impossivel referi-los todos; e alguns feitos visivelmente, que foram testemunhados por muitos individuos do povo, dos quaes ainda vivem alguns. Direi sómente, que no processo para a sua elvação se authenticaram vinte e cinco, e em um livro, de que o Vigario Capitular *Sousa Lima* se servia, em 1806, para lançar as Missas e as esmolos, que davam ao San-

¹ Existe, actualmente, no thesouro da insigne Collegiada, metido em um relicario de prata dourado, com dois vidros, para ser visto de todos os lados.

² Existe o auto desta trasladação no archivo da Collegiada, aonde se podem vêr muitas mais circumstancias, que omitti, em razão de ser muito extenso, pois que só nomes, faz menção de trinta e quatro, e por isso o resumo.

to, contam-se cincoenta e cinco,¹ além de outros muitos, que não era possível contarem-se, pela multiplicidade; pois que desde a sua aparição, até ao presente, sempre Deus acolhe benigno as supplicas que os fieis lhe enviam pela intercessão do seu Santo Martyr.

Tratarei especialmente algum milagre, para se fazer idéa dos outros muitos.²

O Reverendo Padre Thomaz Valladares, oriundo de uma das familias mais nobres de Guimarães, contava, com profundo respeito, o milagre acontecido com elle mesmo, e que tanto echo tinha feito por estas terras.

Sendo estudante, foi com outros muitos a S. Torquató, e só a fim de ridicularisarem os romeiros, que, prostrados diante do tumulo do Santo, imploravam o seu soccorro contra as suas enfermidades. Elle, como mais ousado, subiu acima do tumulo, desvanecendo deste modo os fieis das suas orações, e que naquelle mausoleo não existia objecto algum miraculoso. De repente fica prêso sobre o tumulo, sem que d'elle podesse arrancar os çapatos, nem dos çapatos os pés.

Tocam os sinos, acode o Parochò, junta-se o povo, principiam-se as rézas e as preces, até que

¹ Aquella determinação ficou em desuso pela invasão dos francezes, e por isso não se continuou a tomar nota.

² Para me conformar com o uso da Santa Igreja Romana, de quem sou filho, e á qual professo inteira obediencia e submissão, declaro, que estes milagres são apoiados em testemunhos puramente humanos, e nem eu quero prevenir, ácerca delles, o juizo da Santa Sé, a quem só compete auctorisal-os.

finalmente desceu arrependido, o que tinha subido libertino: confessa a realidade do Santo, o que pretendia nega-la; e ficou sendo um apologista de S. Torquato, até á hora da morte.

Este milagre é recontado com mais ou menos alteração, pela gente do povo; todavia, nós o colhemos de um seu proprio dirigido ao Padre Director da Ordem Terceira de S. Domingos, Fr. Bento de Santa Joanna e Silva, que nos affiançou tanto a honradez do Ecclesiastico, como a veracidade do milagre.

Um outro, nada inferior a este, foi o seguinte:

Um homem padecia no rosto a terrivel molestia chamada *elephancia*. Tinha esgotado a medicina, sem fructo algum, e resolvido estava a ser victima do mal que padecia. Imprecou do Céu o que não podia alcançar na terra, e tomou por seu intercessor ao miraculoso S. Torquato. Veiu em romaria á sua Capella, orou, pediu, e ali mesmo, na presença de muitas testemunhas, do rosto se lhe desprega a crusta ulcerada, ficando com o rosto limpo, são; e em testemunho da sua gratidão, lá está pendente da parede um rosto de prata, para indicar o milagre e a protecção visivel do nosso Santo perante o throno do Eterno.

Ainda hoje vivem pessoas, que testemunharam um cego levado por seus parentes até junto do Santo corpo. A sua fé foi tão viva, e tanto Deos quíz engrandecer o seu Santo Martyr, que, dentro da mesma Capella, o cego abre os olhos, e cheio de alegria, exclama: — *Eu já vejo!* — Dá ali mesmo as graças ao Senhor, e ao seu Protector: publica-se o

prodigio, e o povo admira, fóra da Capella, com vista, o mesmo que nella tinha entrado cégo. Este milagre é tão authenticico, quanto o filho do mesmo agraciado o certificou ao Thesoureiro actual da Confraria, Antonio Ribeiro de Faria, da casa de Corron-dela.

Maria da Costa, da freguezia de Fornellos, padecia aos dezenove annos, de um cancro n'um joelho; sem esperança alguma de sarar, esperava que o mal lhe decidisse da existencia. Attrahida pela fama dos milagres de S. Torquato, veiu tambem junto do Santo Corpo implorar a protecção para com Deos. De prompto o cirro desaparece, e uma perna lá se acha pendente da parede, com o nome da agraciada, e a causa da gratidão. Esta mulher ainda vive, e os facultativos que a trataram; ainda veiu á festa da Trasladação, e ali repetiu a narração do milagre no meio de muito povo, que a escudou.

Antonio de Araujo, da cidade de Braga, padecia igual molestia, e em parte tão melindrosa do corpo, que só a morte poria termo aos seus padecimentos: implora a protecção de S. Torquato; o cancro desaparece, a medicina se admira, e Deós triumpho pelas virtudes do seu Santo.

Filippe José da Silva, da Povia de Varzim, tendo uma hernia de sangue, muito volumosa, e soffrendo a operação pelos facultativos, foi mandado confessar e sacramentar, e até fazer testamento, etc. Implora a Deos Nosso Senhor, e toma como protector a S. Torquato: a molestia desapareceu, e Deos testemunhou quanto lhe são gratas as supplicas dirigi-

das por intercessão de S. Torquato. Este milagre teve logar em Abril de 1839.

Muitos e milhares de outros milagres eu poderia referir, mas não se podem abranger no limitado espaço da sua vida; e assim como de Santo Antonio se dizia:—*Fallem os Paduanos*;— assim de S. Torquato podemos dizer:—*Fallem os feis, os agraciados...*

Todavia, este precioso thesouro continuava escondido aos olhos dos feis, e não havia uma mão poderosa, que o desenterrasse, e o manifestasse ao publico.

Coube, finalmente, esta gloria ao Ex.^{mo} Sr. D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas.

Instaurado o processo ¹ da sua authenticidade, pelo Doutor Desembargador Ignacio José Peixoto, nomeado Procurador do Santo, por S. Ex.^a o Sr. Arcebispo, em 26 de Agosto de 1804, viu completos os seus desejos em 30 de Junho de 1805.

• Para este fim procedeu-se a um novo exame, cujo auto foi feito pelo Escrivão da Camara Ecclesiastica da cidade de Braga, o Padre Pedro Ignacio Rodrigues da Costa, Presbytero secular, em presença do Reverendo Antonio Lopes Paula, Abbade de Santo Thyrso de Prasins, Juiz deste exame, por commissão

¹ A despeza deste processo, e a festividade da elevação, foi paga por José Fernandes Guimarães, da freguezia de S. Pedro Fins de Guminhaes, que tinha regressado do Brasil á sua patria; e não por Domingos Alves de Abreu, negociante de Guimarães, que usurpou para si esta gloria, como se pôde vêr nos requerimentos, etc.

do Doutor Desembargador Provisor do Arcebispado: e chegando á capella, viram um Altar, em que se dizia Missa, com uma imagem de S. Torquato, vestido de Bispo, com mitra e insignias de Martyr. Da parte do Evangelho estava um tumulo de pedra, cercado de grades de ferro,¹ o qual foi aberto na presença de muitas testemunhas, como o Vigario Geral da Collegiada de Guimarães, o Parocho da freguezia, Juiz do Couto, Camara e Procurador, com muitos mais Parochos, Beneficiados e Clerigos, todos de sobrepellizes e tochas accêsas, etc.

Os pedreiros tiraram as grades, levantaram as pedras, e appareceu um cadaver, que, examinado pelo medico de Guimarães, Miguel Rebello de Bastos, a quem o Juiz Commissario havia tomado o juramento, disse: — *Que os ossos que formam a cabeça, se acham unidos por meio das suas suturas; os musculos, no rosto e maxillas, se acham articulados nos suas proprias articulações; os dentes da mesma sorte; as costellas estão unidas nas suas proprias cavidades; no pescoço se acham destruidas as partes musculosas, e desarticuladas as vertebraes cervicaes, aonde se divisa uma fatura grande, que se conjectura (conforme a tradição) que seria a parte aonde soffreu o martyrio; os braços e as mãos se acham articulados, e todos os dedos com suas unhas; o resto do corpo se acha com todos os ossos proprios; e mais não disse, etc.*

Logo se cantou o *Te-Deum Laudamus*, com a

¹ O mesmo como foi deixado em 1637, e com o mesmo letreiro.

commemoração do mesmo Santo e oração competente.

Viu-se depois, que o vestido estava, em parte, lacerado, mostrando ser de seda e algodão, cõr de telha; do lado esquerdo tinha um pau, em fôrma de baculo; não dava mau cheiro, e tudo estava dentro de uma pia de pedra chamada de *anção*,¹ com sua coberta da mesma pedra.

Assim ficou tudo coberto com um cobertor de sêda de damasco carmezim, atado com cinco ligaduras, lacradas com lacre vermelho; e fechando a grade, que separa a Capellinha do Santo, da Capella de Santa Catharina, guardou em si a chave o Juiz Commissario, até á chegada de S. Ex.^a o Sr. Arcebispo.²

No dia 30 de Junho de 1805 comparecêram na freguezia de S. Torquato o Ex.^{mo} Sr. D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, as Dignidades e Cabido da Insigne e Real Collegiada da villa de Guimarães, com o seu Vigario Geral, Antonio José Monteiro de Queiroz, Proto-Notario Apóstolico de Sua Santidade, os Conegos Bracharenses, Doutor Paulo Joaquim Branco de Carvalho, e Doutor Gaspar do Couto Ribeiro, Juiz dos Residuos da Relação de Braga, Doutor Ignacio José Peixoto, Desembargador Honorario da Re-

¹ É o primeiro tumulo em que o Santo foi recolhido, logo que appareceu.

² Extraída toda esta narração do auto que se acha no processo, aonde se encontram outras muitas particularidades que ali se podem vêr, etc.

lação do Porto, Procurador Geral da Mitra, e da diligencia da elevação, com mais Clero, nobreza e povo, confrarias, corporações e irmandades; revestiu-se de Pontifical S. Ex.^a, e passou á Capella de Santa Catharina, aonde estava o Santo, que examinou, e revestiu de Pontifical, côr rubra. Conta a tradição, que ao metter o anel Prelaticio no dedo do Santo, e sentindo a carne ainda flexivel, romperam de seus olhos copiosas lagrimas, e levantando as mãos ao Céu, exclamára, transportado de jubilo:—*Louvado seja o Senhor!!!*...— e voltado ao Santo, lhe dissera:—*Meu companheiro! Seja eu o primeiro que imprima meus labios nestas mãos sagradas.*

Logo, tomando sobre seus hombros a urna (que estava ricamente preparada) as Dignidades e Conegos da Collegiada, debaixo do Pallio, cujas varas sustentavam as pessoas mais nobres e distinctas, assim foi o sagrado cadaver levado para a Igreja, e exposto publicamente aos fieis.

Seguiu-se a missa, a que S. Ex.^a assistiu pontificalmente. Prégou o Presbytero secular, Antonio José Rodrigues, da freguezia de Santiago de Sequeade, que em um lindo discurso, sobre as virtudes do Santo e seu antigo culto, no epilogo mostrou os justificados motivos, que teve o Sr. Arcebispo Primaz, para fazer a solemnidade da elevação. No fim, S. Ex.^a deu a benção, e concedeu as indulgencias.

Depois do jantar, retornou S. Ex.^a, com todas as mesmas Dignidades, Clero e povo, á Igreja, e ouvindo a oração, que recitou o Padre Fr. Manoel da

Conceição, religioso de S. Francisco, na provincia de Portugal, assistiu ao hymno *Te-Deum Laudamus*, que diante do Santissimo Sacramento se cantou; abençoou o povo, a quem concedeu as indulgencias; fez entregar uma das chaves do sagrado tumulo ao Reverendissimo Cabido, outra ao Reverendo Parocho da Igreja, e outra reservou para si. Determinou, que por quinze dias estivessem expostas as Santas Reliquias,¹ e que se patenteassem nas quatro festas do anno, e no anniversario da elevação, que será sempre no primeiro Domingo que cair depois do dia de S. Pedro, e nos dois dias seguintes, nos quaes todos concedeu quarenta dias de indulgencias a quem visitar o Sagrado Corpo, e rogar a Deos pela Santa Madre Igreja, paz e concordia entre os Principes e Christãos. A mesma indulgencia concedeu a todos os fieis que beijarem a Sagrada Reliquia do mesmo Santo, que se conserva na Igreja da Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira da villa de Guimarães, o que tudo assignou

¹ Como de ha muitos annos o Cabido de Guimarães pretendeu tomar posse da Santa reliquia, findos os quinze dias não a quizeram entregar á Irmandade. Os freguezes uma noite, contra a vontade do Parocho, tiraram da Igreja o Santo e o recolheram á sua Capellinha.

O Cabido, considerando o Parocho connivente na muda, perseguiu-o, e para se defender, mandou, ás occultas, preparar o Altar aonde o Santo esteve exposto quinze dias. O povo prevendo o fim, toca o sino a rebate, que foi secundado pelas freguezias visinhas, e dentro de poucas horas já ninguem se movia na freguezia.

Este alarma durou tres dias; interviu a auctoridade civil, e o Cabido desistiu deste meio, para lançar mão de outro, como adiante se verá.

S. Ex.^a, Dignidades, Parochos, Clero, nobreza e povo.¹

Depois disto tratou-se logo de fazer um Mosteiro ou Basilica, com a maior grandeza e magnificencia, obra condigna de tanta veneração e respeito para com o Santo Martyr. Dado o risco pelo architecto Luiz Ignacio de Barros Lima, da villa de Guimarães, foi approvedo; e Sua Magestade o Senhor D. João VI, em resolução de 29 de Novembro de 1824, tomada em consulta da Meza do Desembargo do Paço, em 22 do dito mez e anno, mandou baixar uma Provisão, em que, não só concede se faça a trasladação para o novo Templo, mas auctorisa a demarcação do terreno, e cede do que fôr maninho em favor da obra.

Aos 9 de Abril de 1825 compareceu na freguezia de S. Torquato, o Doutor Provedor da Comarca, José Antonio de Almeida, com a sua alçada, e na presença da Meza, que então era nos penedos de Maria do Monte de Maio, demarcou um quadri-longo, que tem de norte a sul, no seu comprimento, 194 varas, e de largo, de nascente ao poente, 88 varas, e deste terreno impossou a Meza, á vista do que determinava a Provisão.

Honra seja feita aos proprietarios daquelle terreno, que nelle possuíam algumas arvores e sortes de mato, que voluntariamente cederam de suas propriedades, para se levantar uma obra de tanta grandeza e magnificencia.

¹ Este auto está no processo que se instaurou para a elevação, e se conserva na Câmara ecclesiastica de Braga.

No dia 7 de Março de 1825 principiaram-se as obras. Só está completa a Capella-mór, e já tem a capacidade necessaria para a veneração do Santo Corpo, que, elevado na sua urna muito acima do Altar-mór, sóbe-se para junto della, por umas escadas abertas no grosso das paredes. Ali existe o Santo debaixo de um soberbo *Baldaqüino*, primorosamente levantado, e ricamente adornado a talha, que surprehende os amadores das bellas artes, e causa admiração aos nacionaes e estrangeiros.

Logo no anno seguinte á elevação, o Cabido da Collegiada da Oliveira de Guimarães, com mais pessoas da villa, pretenderam tomar conta desta Irmandade, formalisando para isto uns Estatutos, que foram approvados pelo Ordinario; porém os povos e a Irmandade recorreram ao Throno, occupado então pelo Serenissimo Senhor D. João VI, quando Principe Regente, o qual mandou ouvir o Cabido, juntar os Estatutos; e, seguindo os tramites legaes, em resolução de 17 de Julho de 1806, indeferiu a pretensão do Cabido, approvando os Estatutos da Irmandade secular, e dando-lhe toda a gerencia na distribuição das esmolas, o que fez constar por uma Provisão, passada no Desembargo do Paço, em 11 de Outubro de 1806; e desta fórma tem continuado a Irmandade, que de tempo immemorial se conserva, tendo principiado em Confraria no anno de 1693, como dizem os Estatutos da Irmandade do mesmo Santo.¹

¹ Os Estatutos actuaes da Irmandade foram feitos em 1805, e

No dia 4 de Julho do anno de 1852 trasladou-se, solemne e pomposamente, o Santo Corpo de S. Torquato, da sua Capellinha para o novo Templo, a que assistiu Sua Eminencia o Sr. D. Pedro Paulo da Cunha de Figueiredo e Mello,¹ Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana (como no appendice se verá), governando a Igreja de Deos o Santissimo Papa Pio IX, e o reino de Portugal Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II.

A devoção dos povos é cada vez mais fervorosa; concorrem de toda a parte os enfermos áquella piscina sagrada, aonde encontram allivio ás suas molestias, e donde ninguem se retira, senão com a alegria no coração e o riso nos labios, preconizando as maravilhas do Senhor, operadas pela intercessão de S. Torquato.

Padeceu seu martyrio, como dissemos, a 26 de Fevereiro de 719, governando a Igreja de Deos o Santissimo Padre Gregorio II. Foi o ultimo Prelado que teve a Igreja Bracharense no tempo dos Godos; pois que os mouros, entrando naquella cidade, tudo assolaram, deixando tudo reduzido a um ermo, em razão de que os barbaros naquelles tempos não se contentavam com os saques, ou com os incendios, arrasavam tudo, sem deixarem pedra sobre pedra.

reportaram-se aos de 1693, em que havia a Confraria de S. Torquato.

¹ Sua Eminencia, em Portaria do 1.º de Abril de 1853, concedeu á Irmandade o poder collocar Sacratio na Capella do Santo, e nelle conservar perpetuamente o Santissimo Sacramento, o qual se inaugurou no dia 15 de Maio de 1853.

O Céu gosa sua alma, nós o seu corpo. É neste que divisámos um dos principaes milagres. Em uma provincia sujeita á humidade, em uma freguezia pantanosa, pelos muitos ribeiros que a cortam, ha mais de onze seculos permanece intacto e incorrupto o seu Santo Corpo!!!... querendo deste modo a Divina Providencia mostrar — *que é grande e admiravel nos seus Santos.*

Vou terminar a vida e factos gloriosos do nosso Santo Martyr, com as mesmas palavras de que se serviu o legislador dos hebreus. Moysés, ao findar o Penthateuco, disse aos Israelitas: — *Bemaventurado és tu, ó Israel; quem semelhante a ti, ó povo, que és salvo em o Senhor; Elle é o escudo de teu soccorro, e a espada da tua gloria...*

Outro tanto se pôde applicar ao povo da freguezia de S. Torquato, á vista da lucta permanente em que tem persistido na conservação do seu Santo, dentro dos limites da sua freguezia.¹

Bemaventurado és tu, ó povo! quem semelhante a vós, que tendes a protecção de S. Torquato; Elle é o escudo do vosso soccorro, e a espada da vossa gloria... *Beatus es tu, Israel: quis simili; tui popule, qui salvaris in Domino?... scutum auxilii tui, et gladius, gloriae tuae...*

FIM.

¹ Não fallo da independencia que a Irmandade obteve, até da jurisdicção parochial, por sentença passada em julgado, e proferida pelo Corregedor de Guimarães em 11 de Abril de 1811, e confirmada na Relação do Porto em 8 de Agosto de 1812; além de outras muitas prerogativas e sentenças, que honram os administradores daquella Santa Irmandade.

APPENDICE.

PUBLICO o Auto da solemne e pomposa Trasladação de S. Torquato, para satisfazer aos desejos de muitas pessoas, que não presencaram aquelle verdadeiro triumpho da religião.

As notas esclarecem o que não era possivel escrever-se no Auto: não abrangem as minuciosidades, nem era possivel; aliàs, só ellas formariam um volume: todavia, mostram uma idéa clara da magnificencia com que se trasladou aquelle Santo Corpo.

AUTO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO

DE

S. TORQUATO.

ANNO do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos cincoenta e dois, aos quatro dias do mez de Julho do dito anno, nesta freguezia de S. Torquato, suburbios e termo de Guimarães, e Igreja Parochial della, ahi veiu o Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Pedro Paulo da Cunha de Figueiredo e Mello, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, e Arcebispo de Braga, Par e Grande do Reino, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima a Rainha a Senhora Dona Maria Segunda, etc., etc., etc.¹ E seguido, e acompanhado das Dignidades e mais Conegos da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira da villa de Guimarães; sendo presente o Excellentissimo Go-

¹ Sua Eminencia, apenas recebeu o requerimento da commissão que pedia a confirmação do programma, e a licença, e bem assim o convite, para vir em pessoa fazer a Trasladação, por intermedio de seu Excellentissimo primo o Senhor Luiz de Mello Pereira Sampaio, immediatamente respondeu áquelle Senhor, por uma carta de sua propria mão, em que annua ao pedido, tecendo á commissão os maiores encomios: carta, que bem merecia vêr a luz pública. senão temessemos offender a delicadeza e o melindre de Sua Eminencia.

vernador Civil do Districto, Antonio Clemente de Sousa Geão, o seu Secretario Geral, Jacomo Borges Pacheco Pereira, a Camara Municipal do Concelho de Guimarães, com seu Administrador substituto o Bacharel Manoel Bernardino d'Araujo Abreu, titulares, parochos e mais clerigos, pessoas de distincção, e commissões, que para os diversos trabalhos foram nomeadas, abaixo assignadas, e dos diversos trabalhos se incumbiram; tendo-se cantado no dia antecedente umas Vesperas solemniſsimas, com o Santissimo Sacramento exposto, officiadas com parochos e clerigos assistentes, revestidos todos de pluviaes, côr rubra, desempenhadas a instrumental por uma orchestra escolhida, de trinta figuras, que do Porto veiu *ad hoc*, regida por um dos melhores mestres de capella, Joaquim José Lopes; e tendo prégado nas mesmas Vesperas o Reverendo Abbade de Santa Maria de Torrozo, do Concelho da Povia de Varzim, Bento José Pereira de Macedo, o qual em um brilhante discurso mostrou a authenticidade da Sagrada Reliquia, o corpo inteiro de S. Torquato, ser o nosso Arcebispo Bracharense, Torquato Felix, do seculo oitavo, discorrendo sobre a sua antiguidade, e conservação da Santa Reliquia, e outras muitas maravilhas inherentes do Santo Corpo, e peculiares ao mesmo Santo, fazendo-o realçar entre os heroes defensores de Jesus Christo.

Decorado o templo o mais ricamente possível¹,

¹ A armação da Igreja Parochial e das Capellas foi desempenhada pelos tres armadores de Guimarães, F. Manoel Joaquim de Passos, Manoel José da Silva, e João de Faria Sampaio.

pelas dez horas da manhã foram as Dignidades e mais Clero á casa que serviu de aposentadoria a Sua Eminencia o Senhor Cardeal Arcebispo¹, a fim de o acompanharem ao templo.

E com effeito: por entre uma nuvem de immenso povo, que apenas permittia o transito ao prestito, rompeu a Cruz archiepiscopal, logo o Clero, depois as Dignidades, e por ultimo, Sua Eminencia abençoando os fieis, que, prostrados, reverentes e submissos, recebiam aquelle paternal testemunho do seu Eminentissimo Prelado. Seguia uma guarda d'honra de Infantaria n.º 8, composta toda de sargentos, e dest'arte se caminhou até á Igreja.

Chegado ao templo, recebeu o hyssope da mão do Chantre da Collegiada; e aspergindo a si, e aos assistentes, rompeu a orchestra o — *Ecce Sacerdos Magnus, etc.* — em quanto Sua Eminencia fazia oração ao Santissimo Sacramento. Logo, subindo ao solio, tomou as vestes Pontificaes, de côr rubra, e o mesmo fizeram o Presbytero assistente, José Leite Pereira da Costa Bernardes, Thesoureiro mór; o Arcediago do Bago, Francisco Rodrigues Cardozo d'Assiz, Arcipreste; Diaconos assistentes ao solio os Conegos prebendados, José Antonio de Senna Penneda, e Antonio de Freitas Costa. Revestiu-se igualmente, para celebrar a Missa, o Chantre, João Baptista Gonçalves Sampaio, sendo Diacono o Conego prébendado, Manoel Luiz de Gouveia, e sub-Diacono

¹ A aposentadoria de Sua Eminencia estava a 200 passos distante da Igreja, feita á custa de seu Ex.^{mo} primo, que generosamente se offereceu á commissão.

o Conego, José Pinto Veiga, todos da Collegiada da Senhora da Oliveira da villa de Guimarães. Seis Parochos distinctos tomaram as capas para a assistencia. Dirigia as ceremonias ao solio o Doutor graduado em philosophia, João José de Vasconcellos, Abbade de S. João Baptista de Gondar; e as do Altar, o Presbytero José Joaquim Antunes da villa de Guimarães. Assistia Sua Excellencia o Senhor Governador Civil com seu Secretario Geral, a Camara Municipal, com o seu Presidente, titulares e mais nobreza e povo, que tudo fazia mais pomposa tão solemne festividade.

Preparado tudo, Sua Eminencia tomou a Mitra e o Baculo, e descendo do solio ao plano do presbyterio, ali principiou a Missa, a que assistiu, desempenhando tudo o que em taes actos é prescripto no ceremonial dos Bispos, e mais cerimoniaes.

Findo o Evangelho subiu ao pulpito o prégador regio, e Prior da Igreja Matriz de S. João Baptista da villa do Conde, Domingos da Soledade Sillos, que, dividindo o seu discurso em duas partes, na primeira demonstrou o zêlo que a Igreja manifesta, desde a sua origem, a prol das Santas Reliquias dos Martyres do Senhor; e o triumpho com que sempre as trasladou, e ora se fá trasladar a do nosso Santo Arcebispo: não esqueceu a elevação, ou exposição que do mesmo Santo fizera o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor, Dom Fr. Caetano Brandão, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, no dia 30 de Junho de 1805. E na segunda parte mostrou a relação que tinham com as virtudes

do Santo Arcebispo, esse figurado, e carros triumphaes, que formaram a procissão desde o templo velho até ao novo, para onde foi trasladado o Santo Corpo.

No fim do sermão o Diacono da Missa cantou a confissão solememente; e publicados pelo orador, do alto do pulpito, os cem dias de indulgencias, que Sua Eminencia concedeu aos fieis assistentes, logo o mesmo Eminentissimo Senhor em pé na sede archiepiscopal, tendo em frente a sua Cruz processional, empunhou o Bago Pastoral, e cantando a oração — *precibus et meritis, etc.* — lançou a benção papal a todo o povo, que submisso e abatido até ao pavimento, recebia esse dom do Céu, que por intermedio do seu Prelado lhe era concedido.

Depois do offertorio desceu Sua Eminencia, o celebrante, e mais prestito ao plano do presbyterio, e cantado o *Tantum ergo Sacramentum*, se expoz o Santissimo no thronó, e assim ficou até ao — *post communio*, que foi novamente encerrado, depois de cantado o — *Genitori*, com incenso, versiculo, e oração — *de more*.

Terminada a Missa recolheu-se Sua Eminencia a descançar, e a tomar alguma refeição, acompanhado do mesmo prestito com que fôra para a Igreja.

Às tres horas da tarde, estava em movimento o magestoso prestito da pomposa Trasladação.

Então Sua Eminencia dirigiu-se á Capella de Santa Catharina, contigua á Igreja parochial (que estava igualmente ornada com grandeza), e ahi, sobre um andor, estava o Santo Corpo ricamente vestido de pontifical, de côr rubra, com sua casula todã reca-

mada de ouro, e bordada; com Mitra de igual primor e riqueza; alva toda encrespada; baculo e palma de prata, com a corôa do martyrio, recostada sobre almofadas de seda e ouro, etc., etc., etc. Sua Eminencia, feita a oração, e pondo o incenso nos thuribulos, examinou de perto a Sagrada Reliquia, e tomando entre as suas a mão direita do Santo, a beijou com o mais profundo respeito, vertendo copiosas lagrimas, e fazendo-as derramar a todos os assistentes, que presencaram tão religioso, humilde e respeitoso acto. Em seguida, fez Sua Eminencia uma breve, mas pathetica allocução aos circumstantes, mostrando, quanto Deos era admiravel nos seus Santos, conservando aquelle Santo Corpo ha mais de onze seculos, para verdadeiro triumpho da sua gloria.¹

Então os Abbades (abaixo nomeados), revestidos d'alvas e dalmaticas de seda e ouro, côr rubra, obtiveram licença do Eminentissimo Prelado, para levantarem o Santo Corpo, que sobre seus hombros tomaram, para ser trasladado.

Sua Eminencia, apesar dos bons desejos que manifestava para acompanhar o seu Santo predecessor, não lhe foi possivel, já pela hora, já mesmo pelos incommodos de saude; promettendo desde logo, que iria espera-lo para o novo templo.²

Rompia o prestito uma força de cavallaria do re-

¹ As poucas, mas sublimes palavras, que Sua Eminencia proferiu, cheias d'uncção, e inteiramente commovido, fizeram derramar lagrimas a muitos assistentes, e não menos ao virtuoso Prelado.

² Eram tres horas da tarde, um calor intensissimo, e uma multidão de povo, que se póde imaginar, mas não descrever.

gimento n.º 6, arvorada em batedores, para conter o povo em alas certas e largas, commandada por um Tenente.¹

Seguia o Anjo tutelar da Igreja Bracharens², ricamente vestido, e montado em um cavallo, com uma bandeira branca na mão, com esta legenda— 4 de Julho de 1852. — E no escudo gravadas são as Armas de Sua Eminencia, para mostrar, que se um Anjo do Céu não defende a Diocese, em vão trabalha aquelle que a rege, *nisi Dominus custodierit civitatem frustra vigilat qui custodit eam*.

Seguia a cruz da Irmandade de S. Torquato, e bem assim as duas Ordens Terceiras de S. Domingos e S. Francisco da villa de Guimarães, que no maior azeite, e com numerosissimos irmãos, perto de duzentos cada uma dellas, caminhando debaixo de suas respectivas cruces, e formando as alas da procissão,

¹ Aceite o Ill.^{mo} Sr. Tenente, por este modo, (já que por outro não é possível) os devidos elogios, pelo muito que contribuiu para o bom desempenho da função, e os soldados do seu commando. A delicadeza com que tratava o povo; a urbanidade e o bom grado com que se sujeitou ás circumstancias; a sua boa educação, tudo, tudo é digno dos maiores encomios; elle os accepte, e dest'arte galardoa a commissão os seus relevantes serviços.

Tudo é devido á boa escolha que fez Sua Ex.³ o Sr. Francisco Xavier Ferreira, General do Porto e Braga. Sua Ex.³ annuiu ao convite da commissão, e se não veio em pessoa (como desejava), logo prometteu a força precisa, para evitar o menor dissabor, no meio de tanto jubilo; cedendo generosamente toda quanta lhe foi requisitada pelo Ex.^{mo} Sr. Governador Civil.

² Este Anjo ía vestido d'armas brancas, sem esporas, luvas, nem azas: levava o braço nú, manguito largo, e saial, butins ligados, e com fofos; cinto com borlas, meias, e braceletes; grande manto, cabellos em anneis, e capacete implumado: era um dos estudantes de Guimarães (cuja nobre classe, a clerical e até a pa-

davam um realce surprehendente áquelle magestoso acto.¹

Logo S. Pedro e S. Paulo², precediam o rico e magestoso carro da Religião Christã, que S. Torquato tanto defendeu. No meio delle fá debaixo d'um rico docel, a figura da Religião, ricamente vestida de pontifical, sentada em uma cadeira magestosa, sustentando na esquerda a cruz, e na direita a custodia em que se expõe o Santissimo Sacramento. Quatro

rochial, se prestou de bom grado, para todas as diversas figuras), esbelto e de boa apparencia, que na verdade surprehendia sómente o olha-lo de longe.

¹ Reunidas as Mesas das Ordens Terceiras de S. Francisco e S. Domingos da villa de Guimarães, a commissão foi toda em pessoa convida-las, como tinha feito á Camara, Cabido, e mais Authoridades territoriaes. Louvor seja dado á Mesa da Ordem de S. Francisco, presidida pelo seu dignissimo Ministro (hoje) o Ex.^{mo} Visconde de Rouriz, que recebeu a commissão com repiques de sinos, annuiu francamente ao seu pedido (dizendo apenas quera tempo para consultar a Mesa grande, por ser caso extraordinario). Elle, e toda a Mesa, acompanhou a commissão até fóra do edificio da casa do despacho.

Em S. Domingos não foi a commissão menos obsequiada, e mais seria, se o Santissimo Sacramento não estivesse (como estava já) exposto na sua Capella. Uma deputação de quatro membros a esperava fóra da porta, e introduzida na sala do despacho, ali uma outra a esperava: presidia á Mesa o seu dignissimo Prior, o Ex.^{mo} Sr. Visconde d'Azenha, (hoje Conde do mesmo titulo). Escutou a proposição; disse consultaria o definitorio, e, coherente com o empenho da commissão, esta se despediu; e acompanhada fóra do edificio pelas mesmas deputações, jámais esquecerá a polidez, e a civilidade, que tanto caracterisam aquellas veneráveis Ordens Terceiras.

² O Reverendo Reitor de Freitas, e o padre Capellão das Religiosas de Santa Clara de Guimarães, desempenhavam estas figuras verdadeiramente caracterizados. S. Pedro levava tunica branca, cinto grande, manto azul, tudo de seda e ouro; meia côr de carne, soleta, barba e cabellos grisalhos: em uma mão levava as chaves

innocentes meninas, vestidas apropriadamente, cantavam a seguinte letra¹:

Da Religião Santa
Foi Torquato defensor,
Ensinando aos povos
A grande lei do Senhor.

Seguia-se o Archanjo S. Miguel² ferindo com a lança uma serpente de sete cabeças, mostrando nesta acção, o triumpho do Santo sobre o inferno.

Depois o Archanjo Raphael³, conduzindo pela mão Tobias⁴, *o moço*, indicava quanto seguros foram os passos do Santo Arcebispo sobre a terra.

da Igreja, e com a outra pegava na fita, que saía do carro da Religião (fingindo que o conduzia). S. Paulo, semelhante a S. Pedro na riqueza (mas sem côres prêsas), os cabellos e barbas mais escuros: na mão sustentava a espada, e com a outra conduzia o carro.

¹ Cinco meninas innocentes vestiam este carro: a figura da Igreja era em verdade desempenhada magnificamente por uma donzella, que reunia á formosura, o character da innocencia. As quatro virgens, levava cada uma tunica branca de setim, guarnecida a fitas de setim côr de rosa: por cima deste um segundo vestido de cauda, e mangas perdidas, de bobinete, ou escumilha branca, guarnecido de rendas de bobinete, e fitas côr de rosa: cinto, meias côr de carne, çapato de setim branco, corôas de flores brancas na cabeça, cabellos annellados, palmas e corôas nas mãos.

² Ia vestido semelhante ao Anjo tutelar; mas com manto estreito, aramado, e com azas: na mão direita levava a lança, com que feria a serpente, prêsa por uma cadêa, cujo ultimo élo sustentava na mão esquerda.

³ Levava tunica comprida, e aberta sobre o joelho direito: manga comprida e abusinada, cinto, manto estreito, azas, meias côr de carne, e braceletes, sandalias, cabellos em anneis, cingidos por uma fita de pedras.

⁴ Ia com um casaco em pregas, colete, calção largo, cinto,

Caminhavam em grupo as quatro partes do mundo — Asia¹, Africa², America³ e Europa⁴, e no centro a figura da Fé⁵, levando sobre o calix uma hostia com raios, como espargindo-os para todo o orbe; desejos que tinha o Santo de que todo o mundo se salvasse.

Seguia Abraham⁶, como vencedor dos reis da Mesopotamia, para mostrar que o Santo venceu tambem os inimigos da Cruz.

Áquelle seguia Jacob⁷, pae das doze Tribus; mos-

cabello em aneis, chapéo, e bordão de caminhante, com pedras preciosas no chapéo.

¹ Ia vestida de lhama branca bordada a ouro; peitilho e manguito côr de rosa, cinto, manto traçado e prêso a cordões d'ouro, meias azues, e burzeguins enrocados, diadema implumado, cabellos em aneis, ricas joias e pedras preciosas; na mão um vaso com incenso e flôres.

² Vestida de malha unida ao corpo, de côr bronzeada, tanga, turbante, ligas nos braços e pernas, tudo de pennas de côres variadas; arco, aljava e flexa; cabelo em aneis, adornos de coraes, etc.

³ Com um vestido como o d'Africa, mas de côr negra, tanga, turbante, e capa de pelles de tigre, cabelo engrenhado, mas corredio, adornos de coraes, e na mão direita um dardo prêso ao pulso.

⁴ Levava um vestido inferior, e outro superior, com abas abertas e mangas perdidas, cinto, manto, meias e braceletes côr de carne, burzeguins, cabellos em aneis cingidos com diadema implumado; tudo coberto de pedras preciosas. Na mão direita uma cornucopia com flôres; na esquerda, espigas de trigo, etc.

⁵ Era uma mulher com um vestido inferior, e outro superior de meias mangas, manguito e peitilho apertados, meia côr de carne, çapatos de côr, manto, cabellos em aneis cingidos por um diadema com pedras preciosas e flôres.

⁶ Caminhava vestido d'armas brancas, semelhante ao Anjo tutelar, porém sem plumas, mas com um grande penacho caído sobre as costas: barbas e cabellos em aneis: na mão direita espada desembainhada e alçada; e na esquerda o escudo, e com ella sustentava a bainha da espada.

⁷ Vestia igual a S. Pedro, mas sem côres prêsas, e cabel-

trava, que o Santo era pae espiritual de todas essas Tribus, que o Céu confiou ao seu mando.

Marchava logo após destes Patriarchas um outro rico e magestoso carro, precedido de quatro Anjos cantando a seguinte letra:

No templo da Virgem
Torquato aprendeu
A lei do Senhor:
Por ella morreu.

Neste carro, que representava o Altar-mór da Sé de Toledo, ía a Santissima Virgem, Santiago, e Santa Leocadia, padroeira daquella cidade: ali se viam tambem S. Torquato, em habito de minorista, e um grupo de povo, orando, mostrava que foi naquella Sé aonde o Santo recebeu as primeiras inspirações da graça, que tanto no futuro realçaram em beneficio da mesma Igreja.¹

Los grisalhos, butes de côr, na mão uma taça de prata com 12 pães.

¹ Neste ía S. Torquato com samarra, e sobrepelliz, corôa de minorista, sem barba, etc. Ia tambem um camponez (em acção d'orar) vestido no gosto sevilhano, calção, colete, e jaleco, tudo guarnecido e avivado, e com laços de fitas, faixa, meia branca e çapato, cabellos estendidos e encaracolados nas pontas, e sem barba.

Levava mais duas mulheres (tambem em acção d'orar) vestidas ao gosto sevilhano, com saia e folhos, jaleco apertado, avental, tudo com fitas e laços: meias e çapatos, cabello atado em duas tranças, e estendidas pelas costas, terminando em laços de fitas, e com adornos de pedras preciosas.

Os quatro Anjos que o guiavam íam com vestidos aramados e abertos, com manga larga, e curta, saial, cintô, e manguito de

Esdras ¹ com o calix e a caveira, mostrava que S. Torquato fez (como elle) rediviver o povo, e o sacrificio amortecido.

David, *o moço* ², com a cabeça do gigante, significava, que sendo inimigos da cruz, por maiores que fossem, o Santo os vencia e derrubava.

Depois os quatro Prophetas maiores ³; Daniel, Gheremias, Izaías e Ezequiel, caminhando em grupo, levavam no centro, a Esperança ⁴, para mostrar, que esta virtude tanto reanimou o Santo, quanto áquelles Prophetas.

Seguia-se Salomão ⁵ com o seu pagem; como rei

bobinete: manto estreito aramado, meias côr de carne, e sandalias: cabellos em anneis, cingidos por diadema com uma pluma, e recamados de joias.

¹ Vestia um casaco com mangas de rufos, e abas abertas: saial aberto, apertador, manguitos de côr, butes ligados, cabello em anneis, sustentando na mão um calix, e sobre elle uma caveira.

² Ia com uma tunica simples, mas rica, com mangas curtas e abusinadas, e a tunica tambem curta, cinto e surrião, meias côr de carne, e soletas; cabellos em anneis, cingidos por uma fita de seda: na mão direita levava a espada do gigante, e sustentava na esquerda, pelos cabellos, a cabeça do mesmo, com o signal da pedrada na testa.

³ Cada um vestia tunica comprida, manguito, cinto, murça, manto grande, butes de côr, morrião, cabellos e barbas apropriadas: nas mãos levavam pergaminhos meio enrolados.

⁴ Ia com vestido inferior, outro superior de manga curta, e aberto, saíndo desta outra manga até ao pulso, cinto, apertador, manto, meias brancas, çapatos, sendo estes, e todo o vestido de côr verde; cabello em anneis cingido por fita de perolas e pedras; na mão direita levava a ancora, e na esquerda uma pomba, com muitos adornos de pedras preciosas. Era uma mulher muito alva para fazer realçar a côr verde.

⁵ Vestia tunica comprida com manga comprida e abusinada, casaco fechado com manga curta, cinto, grande manto de cauda, butes de côr, cabellos á D. João v, com corôa na cabeça: na mão

sabio, mostrava, que o Santo adquiriu do Céu a precisa sabedoria, para ganhar com ella a eternidade.

Ía Judas Machabeu¹ como vencedor de Anthioco, para significar o triumpho que o Santo adquiriu no decimo sexto Concilio de Toledo contra Sesiberto, Arcebispo, daquella cidade.

É este Concilio o que representava o terceiro, rico e triumphal carro. Sobre quatro columnas se levantava uma cupula de marmore. Faustino², Arcebispo de Braga, occupava o centro; á sua direita El-Rei Egyca³, que tinha convocado o Concilio, ía assentado, levando a seu lado um magnata da sua côrte.⁴ Seis Bispos⁵ occupavam o resto, e entre elles

direita o sceptro, na esquerda um rico livro, com a letra—Cantico dos canticos de Salomão— tudo era riquissimo, e adornado de pedras preciosas.

O pagem levava um casaco curto, cinto, manguito de côr, calça de meia justa vermelha, butes de côr, cabellos em anneis cingidos por uma fita de seda: sustentava nas mãos a cauda do manto de Salomão.

¹ Vestia armas brancas, saial, e meias mangas, cinto, butes ligados, meias, e braceletes côr de carne, roquete, manto, barba cerrada, e cabellos em anneis, capacete implumado; na mão direita a lança, na esquerda o escudo.

² Vestia alva, cordão, estola, cruz peitoral, baculo, pluvial, e mitra (a preciosa), assentado em cadeira d'espaldar, tudo de seda e ouro.

³ Tinha cota de malha, casaco com manga curta e larga, cinto, manto, cabelo em anneis, e barba cerrada, assentado em cadeira de espaldar, e com pedras preciosas.

⁴ Vestido do mesmo modo que El-Rei Egyca, porém com adornos algũ tanto inferiores, em pé, com uma almofada nas mãos, e sobre ella a espada e as luvas do Rei.

⁵ Tinha cada um loba roxa, roquete, estola, cruz peitoral, baculo, pluvial de seda d'ouro, e mitra aurifrigerata, assentados em cadeiras rasas (só em pé S. Torquato), todos com barba cer-

S. Torquato, em pé, e em acção de fallar, recebia inspirações do Espirito Santo, que, em figura de pomba, descia do tecto da cupula.

Este carro era guiado por quatro figuras, que representavam as quatro cidades de Braga¹, Porto², Sevilha³ e Toledo⁴, em memoria dos quatro Bispos principaes que se reuniram naquelle Concilio, ricamente vestidas, levando cada uma no seu escudo as armas da cidade que representava.

Seguia Judith⁵ com a cabeça de Holophernes, mos-

rada. Infundia um respeito este carro, que se pôde imaginar, mas não descrever.

¹ Era guiado pelas quatro figuras das quatro cidades. Braga vestia armas brancas, saia, manto, etc. Era uma mulher esbelta e bem figurada: na mão direita sustentava a lança, na esquerda o escudo com as armas da cidade, capacete implumado, e tudo recamado de joias.

² Levava um completo vestido d'armas, todo de lhama tecida de proposito, pela côr propria de ferro; rico manto, e sobre o capacete um dragão alado: no escudo as armas da cidade da Virgem, e lança.

³ Era uma mulher guerreira, vestida com calça á mourisca, saial, peito d'armas brancas, toda coberta; turbante, manguito côr de carne, çapatos, cabellos em tranças estendidas, e cingida de cimitarra, tudo adornado de pedras preciosas: lança, e escudo com as armas da cidade de Sevilha, que eram—escudo branco de prata orlado d'uma banda dividida em seis partes, tres brancas de prata, e tres de encarnado; nas divisões brancas, leões rôxos com lingua e unhas encarnadas; nas divisões encarnadas, castellos amarellos d'ouro.

⁴ Vestia á moda da côrte do Rei Vamba: era um homem de meia idade, robusto, vestido com armas brancas, e grande manto, e no escudo as armas de Toledo da fórma seguinte: um imperador sentado em um throno, vestido d'uma capa d'ouro, com sceptro real em uma mão, que significa o senhorio e governo, e na outra uma espada, que denota a justiça.

⁵ Era uma mulher robusta, e perfeitamente caracterisada: le-

trando o triumpho de Bethulia, para se conhecer que o Santo, a fim de salvar a cidade de Braga, saíu ao encontro dos Sarracenos: e, se não adquiriu o triumpho da terra, como Judith, ganhou o do Céu.

Depois ía Samuel¹ como inspirado, para mostrar que no templo e Sé de Toledo foi o Santo inspirado pelo Senhor.

Como a Charidade² é a maxima de todas as virtudes, caminhava esta figura no centro das quatro virtudes cardeaes, a saber, Justiça, Fortaleza, Prudencia e Temperança³, representando que S. Torquato todas possuiu em summo gráo, mas sobre tudo a Charidade.

José⁴ do Egipto, como pastor, conduzia um cordeiro, indicando o cuidado que teve o Santo a prol-

vava um vestido inferior e outro superior d'abas meias abertas, mangas abertas, manguito de bobinete, apertador, e meia côr de carne; manto, cabellos em anneis, apertados com fita de pedras preciosas, que lhe adornavam o peito, etc. Na mão direita sustentava a espada, e na esquerda, pelos cabellos, a cabeça de Holofernes.

¹ Ía vestido semelhante a S. Pedro, mas sem côres presas.

² Vestia semelhante a Judith; ao collo levava um menino, e outro pela mão.

³ As quatro virtudes eram quatro mulheres vestidas ricamente, e em similhaça á mulher que ía no centro, figurando a Charidade, com differença nas côres, e no traçado dos mantos e dos vestidos: a Prudencia levava n'uma mão um espelho, e na outra uma cobra; a Justiça levava umas balanças e uma espada desembainhada: a Fortaleza levava uma columna: a Temperança levava um jarro e uma bacia de prata.

⁴ Levava uma tunica curta, cinto e surrão; manguito e meias côr de carne, soletas, cabellos em anneis, cingidos por um simples turbante: levava na mão um cajado, e pela outra, com uma fita, conduzia um carneiro.

de todas as ovelhas, que o Céu confiou ao seu cuidado nas tres Dioceses que em sua vida regeu, a saber: o Padrão, Porto e Braga.

Melchisedech¹, Summo Sacerdote, symbolisava que o Santo na lei da graça, era o mesmo que foi aquelle na lei escripta; e por isso levava o calix e o pão do sacrificio.

A Lei da Graça², e a Lei Escripta³, com os tres meninos que em Babylonia foram queimados, Ananias, Mizael e Azarias⁴, cantando a seguinte letra:

Vencedores da fornalha,
Em Babylonia cantâmos;
Ora do grande Torquato
O martyrio seu louvâmos.

Precediam estas cinco figuras o carro triumphal, aonde se via o penedo, carvalho, e fonte aonde o Santo appareceu. Muça⁵, general do primeiro Ka-

¹ Uma tunica coberta com outro vestido riquissimo, cinto, manto e butes adornava esta figura, com muitas outras joias e pedras preciosas; cabellos em anneis, barba cerrada, thiara e corôa: na mão levava um vaso com vinho.

² Vestia tunica comprida, cinto, manto, meias côr de carne, sandalias, cabellos em anneis, tudo riquissimo; e na mão sustentava uma cruz com que ía abraçada.

³ Ía semelhante á Lei da Graça, diversificando nas côres, e no traçado dos vestidos: na mão sustentava as taboas da lei. Estas duas figuras eram desempenhadas por duas meninas, em cujos rostos reverberava a candura e a innocencia.

⁴ Cada um vestia calça, colete e manguito, casaco á judia, cabello em anneis, e na cabeça um carapuço.

⁵ Vestia um casaco, cordão, calça larga, butes, capa com capuzes, manguito, turbante, barba e bigode grosso, espada curta, e tudo recamado de pedras preciosas.

lisa de Babylonia, e Gran Monarcha dos Arabes, ia (com mais soldados) em acção de martyrisar o Santo¹, que de joelhos, e com os olhos no Céu, recebia a morte.² Uma nuvem suspensa por quatro Anjos, sustentava um outro Anjo, que representava o enviado do Céu, com a palma e corôa, como trophéos da gloria, em premio da virtude e do martyrio.

Seguia-se Aarão³ e Josué⁴, um Sacerdote, e o outro guerreiro, para se ver que o Santo reuniu ambos os ministerios, com a differença que as suas armas eram aquellas que S. Paulo recommendava aos Sacerdotes, a lingua, e com ella rebateu o furor mussulmano.

Para defeza da lei Evangelica muito e muito trabalhou o Santo Prelado, e por isso os quatro Evangelistas⁵ S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas e S. João caminhavam em grupo, como pedras angulares sobre que Jesus Christo fundou a sua Igreja.

¹ Vestiam calça larga, jaleco, colete, fxa, butes, barba e bigode, turbante, cabellos em anneis, e espada curta.

² Tinha uma çamarra côr de telha (como é tradição que apparecêra), com as mãos cruzadas sôbre o peito, os olhos no Céu, e no chão a mitra antiquissima e o baculo, como consta que se encontrou.

³ Vestia uma alva, saial com campainhas, um vestido superior, cinto, sobre o peito a insignia sacerdotal dividida em doze partes, barba cerrada, e cabellos em anneis; na cabeça uma especie de thiaraz; e na mão um thuribulo.

⁴ Ia vestido semelhante á figura do Porto, mas com o capacete implumado, lança, e escudo na mão.

⁵ Os quatro Evangelistas vestiam como S. Pedro, mas sem côres presas; porém S. João levava tunica verde, e manto vermelho, alparcatas, e cabellos compridos e em anneis, sem barba: cada um levava o seu livro do Evangelho que escreveu.

Por ultimo ia a figura da Gloria ¹, rodeada de cinco Anjos, tres lhe sustentavam o manto, dous, um á direita e outro á esquerda, levavam os emblemas; todos elles entoavam a seguinte letra:

Cantaremos na terra
De Torquato a victoria,
Que de virtudes cheio,
Triumphou na gloria.

¹ Uma riquissima tunica azul esvaído bordada a ouro, tunicella branca, cinto, manto azul recamado d'estrellas d'ouro, meias côr de carne, cabellos em anneis cingidos por diademas de brilhantes e flôres. Era uma linda mulher, que desempenhava esta figura, recamada de pedras preciosas; na mão sustentava a palma e corôa.

Os Anjos iam com tunicas, e mantos aramados, e vestidos em caracter: os dous dos lados, um sustentava o globo celeste, e o outro o letreiro—*Gloria*—os tres sustentavam o manto, todos com palmas, e corôas de flôres.

Dizendo-se que foi inspector de todo este figurado o bem conhecido cidadão bracharense o Ill.^{mo} Sr. Custodio Mendes da Silva Braga, que desenhou e descreveu figura por figura; que fez consultas, não só para Lisboa e Porto, mas até para fóra do reino, conhecer-se-ha que nada ficou a desejar.

Ao armador da mesma cidade de Braga, Narciso José Pereira da Cunha, coube a gloria do desempenho material do figurado: não se poupou a despezas, indo positivamente a Lisboa comprar sedas d'ouro e de matiz, selins, galões d'ouro, em profusão tal, que nenhuma figura vestia simples vestido; todos eram mais ou menos bordados a ouro, ou a matiz, os que não eram de seda de ouro.

Os carros tinham doze palmos d'altura (até ao plano), vinte e quatro de comprido, e dez de largo. A altura das armações sobre o plano mal se pôde calcular. O do Concilio, só as columnas e a cupula excediam vinte palmos; e outro tanto o da Religião, com os degrãos, throno, e docel.

Iam decorados riquissimamente, e conduzidos por quinze a vinte homens cada um, mettidos debaixo dos mesmos carros, e cobertos com o saial dos lados; moviam-se sem se ver quem os conduzia..

Esta figura representava o ultimatum de suas fadigas e trabalhos, pois que nenhum outro fim, além da honra e gloria de Deos, o fez arrostar uma vida laboriosa, e uma morte de gloria.

Todo este figurado ia vestido em caracter, além da riqueza, que nada ficava a desejar aos entendedores biblicos e profanos.

Dous thuriferarios, revestidos com ricas dalmaticas, seguiam entre a ala dos Clerigos, e precediam, incensando o Santo Corpo, que era levado pelos Reverendos—Abbade de Santa Christina d'Arões—Abbade de Santa Comba de Regilde—Abbade de S. Payo de Vizella—Abbade de Santo Adrião de Vizella—Abbade de S. Romão d'Arões—Abbade de S. Romão de Mesão-frio—Abbade de Santa Maria de Delães—Abbade de S. Salvador de Gandarella—coberto com um riquissimo pallio de tella d'ouro, vermelho, sustentando as varas Parochos e Clerigos distinctos, com pluviaes, todos de seda e ouro, vermelhos, e circuitavam tudo isto seis cavalleiros professos da Ordem de Christo, com seus mantos, e lanternas de prata, a saber:—Barão do Costeado—Abbade de Gondomar—Gaspar Ribeiro Gomes de Abreu—João Antonio de Oliveira Cardozo—Antonio Ribeiro da Costa Sampaio—Francisco José Mendes Brandão.

Seguia o Governador Civil com seu Secretario, a Camara Municipal com o seu Presidente, e Administrador do Concelho, todos vestidos em grande uniforme, e uma musica precedia um batalhão do regimento d'infanteria n.º 8, commandado por um

Major, com sua bandeira, que fechava o magestoso prestito.

Da Capella de Santa Catharina foi este pomposo apparatus até á pequena Capella aonde appareceu o Santo, por um caminho largo e espaçoso, que, *ad hoc*, se havia preparado. D'ali seguiu em direitura á Bouça, que fica á direita do novo templo, foi abaixo tornear o pequeno monte, para entrar em frente do Mosteiro, por entre um sem numero de ficis, que de longinquas terras tinham concorrido a presenciar o maior triumpho da Religião, que se fez em nossos dias. Os palanques eram tantos, e tão bem collocados, que mais se podia imaginar uma cidade improvisada, do que mesmo uma freguezia rural.

Sua Eminencia, precedido da Cruz Primacial e de seus familiares, já estava á porta do novo templo, muito antes que o prestito ali chegasse.¹ Entrada a Santa Reliquia, e collocada ao lado da Epistola, Sua Eminencia subiu ao Solio, e, revestido ahi de paramentos Pontificaes, *colore alba*, com seu Ministro assistente, Arceediago do Bago, e Diaconos, exposto o Santissimo Sacramento, levantou o *Te-Deum Laudamus, pro gratiarum actione*, que foi desempenhado magistralmente; e, ditas as orações, dada a benção, e concedidas as indulgencias, recolheu-se á sua aposentadoria.

— Á noite illuminou-se a frente do templo, que em

¹ As figuras entraram todas para dentro da Capella, para serem vistas e examinadas pelo Eminentissimo Senhor Cardeal Arcebispo, e á entrada da Santa Reliquia saíram, a fim de serem vistas pelos Reverendos Abades e Cavalleiros que levavam o Santo.

verdade, com o variado das côres das muitas bandeiras, fazia uma vista surprehendente. Os fogos de artifício, tanto do ar, como presos, tiveram logar, e duraram por muitas horas: balões aerostaticos subiram no fim de tudo, deixando satisfeitas tantos milhares de pessoas, que sem o menor dissabor, sem a menor sombra de desordem, cheias d'um jubilo natural, bendiziam ao Senhor, que tanto se exaltava no seu Santo; e assim findou um dia, que raras vezes o Céu concede aos homens.

Na manhã do dia 5, immenso povo affluia á Igreja, para vêr de perto aquella maravilha do Senhor, celebrando-se muitas Missas rezadas, em honra do mesmo Santo. Às dez horas cantou-se Missa solemne, com exposição do Santissimo Sacramento, e findo o Evangelho, subiu ao pulpito o Reverendo Antonio Joaquim Soares, Abbade de S. Pedro de Gondalães, concelho de Paredes, comarca de Penafiel, e Bispaço do Porto, que em um discurso eloquente, mostrou a vida do Santo, seguindo o Breviario Bracharense, e deixando o auditorio plenamente satisfeito.

No fim da Missa, cantou a mesma orchestra da cidade do Porto a antiphona do Santo—*Iste Sanctus pro lege Dei sui certavit usque ad mortem*, etc.—e dita a oração, dada a benção do Santissimo Sacramento, e encerrado este, terminou o prometido no programma para a solemne e pomposa Trasladação, e de tudo mandou Sua Eminencia fazer este auto, que assignou, com as Auctoridades assistentes, Titulares, Conegos, Parochos, e mais pes-

sons abaixo assignadas. E eu Joaquim Pires da Veiga, Secretario de Sua Eminencia o subscrevi.

Pedro, Cardeal, Arcebispo Primaz.

Antonio Clemente de Sousa Geão, Governador Civil.

Jacomo Borges Pacheco Pereira, Secretario Geral.

O Commendador João Baptista Gonçalves Sampaio,
Chantre da insigne Collegiada de Nossa Senhora da
Oliveira.

José Leite da Costa Bernardes, Thesoureiro mór.

Francisco Rodrigues Cardoso de Assis, Arcypreste da
insigne Collegiada e Districto de Guimarães.

José Antonio de Senna Penedo, Conego da insigne e
real Collegiada de Guimarães.

Antonio de Freitas Costa, Conego da insigne e real Col-
legiada de Guimarães.

Doutor João José de Vasconcellos, Abade de Gondar.

Manoel Luiz Gouvêa, Conego da insigne e real Colle-
giada de Guimarães.

José Pinto Veiga, Conego da insigne e real Collegiada
de Guimarães.

João Machado Pinheiro, Presidente da Camara e da
Commissão central encarregada da Trasladação.

Francisco de Azevedo Varella, Fiscal da Camara.

José Furtado do Valle, Vogal.

Joaquim Aniceto Barbosa, Vogal.

Gaspar Pinto Teixeira de Carvalho, Vogal.

Antonio do Espirito Santo, Vogal.

Antonio José Ribeiro Gomes de Abreu, Vogal.

Joaquim Cardoso de Freitas, Escrivão da Camara.

Lourenço Leite de Castro, Juiz Substituto do de Direito.

João Ribeiro dos Santos, Delegado do Procurador Regio.

Manoel Bernardino Araujo Abreu, Substituto do Admi-
nistrador do Concelho, em exercicio.

Luiz Antonio de Freitas, Escrivão da Administração do
Concelho.

Fr. João Tinoco do Senhor da Piedade, ex-Leitor de

Philosophia e Theologia, e Commissario Visitador da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da villa de Guimarães.

Antonio Marinho Falcão de Castro Moraes, Ministro da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

João Baptista Leite de Lemos, vice-Ministro da Ordem Terceira de S. Francisco.

Raymundo Alves Torres, Secretario da Ordem Terceira de S. Francisco da villa de Guimarães, e Membro da Comissão do Figurado.

Padre Custodio José Pinto Veiga, Vigario do Culto da Ordem Terceira de S. Francisco.

José Joaquim Gonçalves de Faria, Syndico da Ordem Terceira de S. Francisco.

Francisco Antonio de Abreu.

Antonio José de Matlos Chaves, Syndico da Testamentaria da Ordem Terceira de S. Francisco.

Antonio Mendes Ribeiro, Syndico do Sagrado Lausperenne.

Padre José Leite de Faria Sampaio, Definidor ecclesiastico da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Manoel Ferreira de Abreu, Definidor da mesma veneravel Ordem Terceira.

Antonio da Costa Guimarães, Definidor.

Gaspar Antonio dos Guimarães Suzana, Definidor.

Visconde d'Azenha, Prior da Ordem Terceira de S. Domingos.

Fr. Bento de Santa Joanna e Silva, Mestre Director.

José Nepomuceno da Silva Ribeiro, Sub-Prior da veneravel Ordem Terceira de S. Domingos.

João de Castro Sampaio, Secretario da veneravel Ordem Terceira de S. Domingos.

Padre José Joaquim Antunes, Vigario do Culto Divino e Membro da Comissão Ecclesiastica.

Antonio Luiz de Moura, Zelador geral da veneravel Ordem Terceira de S. Domingos.

Antonio José Vieira da Costa, Thesoureiro geral da mesma.

José Vieira Cardoso, Caixa do Hospital.

Francisco Martins da Costa Guimarães, Thesoureiro do Lausperene.

João Antonio Vieira, Consultor da mesma Ordem.

Domingos Antonio de Freitas, Consultor da mesma Ordem.

Rodrigo Antonio Fernandes Polycarpo, Consultor da mesma Ordem.

Conde de Villa Pouca, Gaspar Teixeira de Sousa Alcoforado.

Barão do Costeado.

Francisco Xavier de Sousa, vice-Presidente da Comissão central para a Trasladação.

O Prior Domingos da Soledade Sillos, 1.º Secretario da Comissão central para a Trasladação.

Francisco José da Costa Guimarães, 2.º Secretario da mesma.

Joaquim José de Azevedo Machado, Thesoureiro da mesma.

Joaquim José de Sousa Marinho, Presidente da Comissão Ecclesiastica.

Francisco José Rodrigues de Carvalho, Prior de S. Cypriano de Taboadello, e Secretario da Comissão Ecclesiastica.

José Joaquim de Oliveira, vice-Presidente da Comissão do Figurado no pessoal.

Rodrigo Martins da Costa, Membro da mesma.

Jeronymo de S. Carlos Fernandes da Silva Ribeiro, Membro da mesma.

José Custodio Vieira, Presidente da Comissão do ornamento para o transito da Procissão.

João Antonio Fernandes Guimarães, Membro da mesma.

João Antonio da Silva Aréas, Membro da mesma.

Doutor José Joaquim Vieira, Presidente da Comissão da hospedagem.

Jorge Maria Dias Guimarães, Membro da mesma.

O Medico Manoel José do Souto Coelho e Oliveira, Membro da mesma.

José Joaquim da Costa, Membro da mesma.

- Antonio José Ferreira Caldas*, Presidente da Commissão encarregada de reunir joias e pedras preciosas.
João Antonio Fernandes Viegas, Membro da mesma.
João José de Sousa Aguiar, Membro da mesma.
Gonçalo Lopes Moreira, Membro da mesma.
Custodio José Duarte, Membro da mesma.
José Antonio Ferreira, Membro da mesma.
Manoel José Nogueira Molarinho, Membro da mesma.
Antonio José de Freitas, vice-Presidente da Commissão do caminho para o transito da Procissão.
Antonio José Martins Guimarães, Membro da mesma.
Pelo Barão de S. Torquato, como Juiz da Irmandade,
Custodio José Fernandes Guimarães, Presidente.
Padre Manoel José de Meira, Secretario.
Antonio Ribeiro de Faria, Thesoureiro.
Ignacio da Silva Leite, Procurador.
José Antonio Ribeiro, Mordomo.
Gaspar Ribeiro Gomes de Abreu, Cavalleiro professo na Ordem de Christo.
O Bacharel João Antonio de Oliveira Cardoso, Cavalleiro professo na Ordem de Christo.
Antonio Ribeiro da Costa Sampaio, Cavalleiro professo na Ordem de Christo.
Francisco José Mendes Brandão, Cavalleiro professo na Ordem de Christo.
José Mendes Teixeira Moreira, Abbade da freguezia de S. Paio de Vizella.
Francisco José Vieira, Parocho de S. Pedro de Azurei.

Está conforme o original.—*Domingos da Soledade Sillos*, 1.º Secretario da Commissão central para a Trasladação.

